

154

REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA



15.47.04.21.2024



1547 REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

Revista 15.47.

PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 14 (abril - edição 2024)

Brasília - Brasil Online

Bimestral

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design

8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo 13- Direito 14- Psicologia

DIREÇÃO EXECUTIVA, ARTE E EDIÇÃO:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

CONSELHO EDITORIAL:

ANDRÉ BERÇOTT
ANGELINA QUAGLIA
CYNTHIA NOJIMOTO
JOÃO DINIZ
LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA
MARIA HELENA COSTA
MARIA LUIZA JUNIOR
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA

REVISÃO GERAL:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

REVISÃO TEXTUAL:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
BEATRIZ BERÇOTT
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA

DIAGRAMAÇÃO:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS
ANGELIN NARDELLI QUAGLIA

CAPA E FOTOGRAFIA DE ÍNDICE:

OBRA BRASÍLIAS RADIX

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538



Caros leitores,

Brasília e tudo que representa para nós, aniversaria completando 64 anos. Uma cidade única no mundo em muitos aspectos, viva e repleta de poesia, beleza e de pessoas apaixonadas por sua grandiosidade.

A Revista 15.47, mantendo a tradição, convidou o historiador André Luiz Berçott para abrir esta edição comemorativa, nossa 14ª Edição.

“Há exatamente 64 anos foi inaugurada Brasília, uma das maiores epopeias da história do Brasil, e do mundo. Uma cidade no meio do cerrado, um "hermo", em três anos!

Nosso país vivia um período um tanto quanto dicotômico, com variações de humor entre a incerteza e a esperança. Nossa capital nasceu dentro deste contexto de esperança por um Brasil melhor.

A única cidade modernista do mundo, ela, ainda criança, vivenciou sua primeira turbulência: O golpe de 1964, um período que além de atroz, questionou a sua existência como capital. Porém, "corajosa", Brasília deu a sua primeira demonstração de resiliência, sobrevivendo às pressões daquele período, onde muitos a viram como um estorvo.

Resiliente, aos 28 anos, foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. E mais uma vez, recebeu suas críticas, porque muitos se perguntavam como uma cidade tão nova havia conseguido um título tão nobre? Porque representou um período, um tempo na história!

No frígir dos ovos, o que importava não era a sua idade, mas, o seu significado. Mais uma vez, Brasília, mostrou características de força e bravura, assim como JK, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão, os candangos e primeiros moradores, dentre tantos outros que a ajudaram a nascer.

Brasília continuou a crescer, e faz algum tempo, começa a mostrar os primeiros sinais do seu envelhecimento. Novos desafios foram surgindo e com eles, gananciosos especuladores imobiliários e emergentes políticos, atacaram novamente.

Hoje, aos 64 anos, Brasília está enfrentando o seu maior desafio, a sua própria existência como cidade modernista. A luta pela sua preservação tem sido travada entre aqueles que pretendem subjugar sua importância e sua manutenção, e aqueles que entendem a sua essência, e a necessidade da manutenção de suas características originais. ”

Nesta edição, belíssima e robusta, foram tratados temas extremamente interessantes e ricos, que espero, gostem de ler tanto quanto eu gostei.

Boa leitura.

Em nome da nossa Diretora, Angelina Nardelli Quaglia, em nome de toda a equipe da Revista 15.47!



Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta e Urbanista (FAU/UnB), é mestre em arquitetura e urbanismo pela mesma Universidade, e possui especialização em Reabilitação em Meio Ambiente e Patrimônio (PPG FAU/LASUS/UnB), e em Construções Sustentáveis (IPOG DF). Como pesquisadora atua em diversas áreas, dentre elas: (i) Arte e história da Arte, da Arquitetura e do urbanismo; (ii) Cidade e Sociedade; (iii) Patrimônio Cultural; (iv) Memória; (v) Caminhabilidade (walkability); (vi) Paisagem Urbana (Paisagem Cultural Urbana. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e foi responsável pelas exposições "Fé, Divino e Sagrada", "60 Olhares sobre Brasília" (exposição e documentário), "Eu e a Cidade que Habito" (projeção mapeada na cúpula do Museu Nacional), e da Exposição virtual com o mesmo nome, e da Exposição "Brasília em QRCode". Dirigi a PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, coordena da Editora PARABOLOIDE, e a REVISTA 15.47. Dirige e coordena o Educação Patrimonial BsB, e o "Memórias de Brasília". É membro do ICOMOS DF, e conselheira do CONDEPAC - DF, CONAN-DF e do CONDETUR - DF, está coordenadora do próximo biênio (2024/2026) da ABAP-DF. Na revista assina as colunas GASTRÔ CITIES, e O DESIGN CRIATIVO + "ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA", onde traz temas relacionados ao design, o urbanismo, a arquitetura, e a arte.



Patrícia Yunes Ávila e Silva

Historiadora da arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte *ArtBSB*. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog "Sobre Arte e Arrepios" e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na REVISTA 15.47, além de membro do grupo diretor, assina a coluna **ARTE E HISTÓRIA**, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social Contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto urbanista com seu escritório de projetos sediado em BH. Atua também com escritor, artista visual, conteudista digital, e professor no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade FUMEC. É mestre em engenharia civil com ênfase em construção metálica pela UFOP, e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produções em design, cinema, música e livros, apresentando seus trabalhos de arquitetura, artes visuais, poesia e fotografia. Membro do grupo diretor, assina a coluna **ARQUITETURA E PERCEÇÃO**, trazendo debates acerca dos temas que permeiam as cidades, a arquitetura e o indivíduo.



Malu Perlingeiro (consultora convidada)

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da 15.47, escreveu na coluna **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**, (hoje com Beatriz Berçott), trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Maria Luiza Junior

Fomada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP), e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe de Preto. Na REVISTA 15.47 assina a coluna **FEMININOS MÚLTIPLOS** e **GASTRÔ CITIES**,



André Berçott

Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias* e a pela REVISTA 15.47. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, escreve na coluna **REFLETIR, POR QUE NÃO?** Um pouco sobre a importância da reflexão sobre a vida nas RAS de Brasília. É voluntário do projeto Educação Patrimonial BsB (E.P.BsB), onde auxilia nos processos de organização dos processos educacionais e de palestras.



Maria Helena Costa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Criadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, desperta pessoas, forma times. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no despoter de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na 15.47 é responsável pela coluna **SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR**. **Temporariamente afastada da revista, para aprimoramento de estudos!**



Beatriz Berçott

Fotógrafa, revisora de cinema (cinema) e estudante de jornalismo, é uma das sócias da *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, e auxiliou na formatação do projeto *60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA (2020)*. Atua como fotógrafa, criadora de arte gráfica e de desenhos com softwares de arte; produtora de artes visuais, pequenos curtas, cinema e desenhos animados. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, compondo fotografias e criações autorais. sob encomenda. Na *Revista 15.47* é uma das responsáveis da curadoria de imagens e pesquisa de fotografia e design., sendo também responsável pela coluna **E SE A VIDA FOSSE UM FILME?**, onde escreve cenas possíveis para adaptação de curas, usando a vida real. e suas nuances, e **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**.



Juliana Rampim

Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a História da Alimentação Brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama. Na revista é a responsável pela coluna **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**, onde serão tratados assuntos ligados a memória, e as tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto as panelas, e mantém aquecido o coração.



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto *60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA*. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto *CRIATIVAMENTE*, direcionado a área de entretenimento digital.

Na *Revista 15.47* é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna **GASTRONOMIA E MÚSICA**, onde escreve sobre boas receitas e dicas sobre boas músicas.



Eduardo Oyakawa

Pós-doutor em Filosofia da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Mestre e doutor em Mística e Literatura pela PUC-SP. Sociólogo e poeta. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Professor e escritor, tem em entre suas obras o livro *Os Sagrados Cães Dançarinos - Mística e heresia em Franz Kafka*, resultado de mais de uma década de reflexões e questionamentos respondidos pela filosofia, teologia e na história das ideias.

Na *Revista 15.47* escreve em **FILOSOFIA**.



Christiane Reis Dias Villela Assano (convitada)

Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1998). Possui Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). É professora de música da Fundação de Apoio à Escola Técnica. Foi professora substituta na Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP), na Pós-Graduação Lato Sensu "Alfabetização das Crianças das Classes Populares" da Universidade Federal Fluminense e na Graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical, piano, educação musical a distância, **música e educação, artes cênicas e alfabetização musical**.



Alexandre Guerra

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas.

Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na *REVISTA 15.47* é responsável pela coluna **GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE**, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



Luciano Brasileiro de Oliveira

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília(UnB); Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasteira de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA. Na *Revista 15.47* escreve em **DIREITO**.



Marta Romero

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), e também Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993), e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do Laboratório de Sustentabilidade da **PPG-FAU/UNB (LaSUS)**.



Nelson Inocência

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador de Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. Na 15.47 é responsável pela coluna ALTERIDADES..



Lucas Pontes

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA).

Nascido em Brasília -DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa Revista fescrive em "CONEXÕES URBANAS" e POESIA.



Elaine Toledo

Instrutora e Palestrante com mais de 25 anos na área da Aviação Civil – Comportamento, Postura Profissional e Mentoria para Aeronautas. Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pessoas pelo IESB, com especialização e qualificação realizados no Brasil e Bogotá/Colômbia em Taller Imagen Etiqueta y Protocolo, Taller Calidad de Vida e CRM – Corporate Resource Management. Na Revista 15.47 escreve contos com fins motivacionais, na coluna **CRÔNICAS COTIDIANAS**.



Marta Simone

Consultora e Coach em Desenvolvimento Humano Criativo. Arte-Educadora e Atriz, com formação acadêmica (Licenciatura em Artes Cênicas). Personal & Professional Coach pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBC). Idealizadora da "Coach Criativo" - Criatividade nos processos de Coaching., e do Curso "CRIATIVE-SE – MOTIVAÇÃO PARA MUDAR". É também Bacharel em Direito, tendo atuado no âmbito do Poder Legislativo Federal (Câmara dos Deputados e Senado Federal), do Poder Executivo (Ministério da Justiça), e em Organizações Não-Governamentais, formulando e implementando políticas públicas, com os temas "Direitos Humanos e Minorias", e "Direitos da Mulher". Foi Coordenadora Nacional do "Programa Nacional de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher" (Ministério da Justiça). Escreve na coluna **CRÔNICAS E ESTÓRIAS**



Oswaldo Amorim

Contrabaixista/Compositor/Diretor Musical, Professor efetivo da Escola de Música de Brasília desde 2003, é graduado em Licenciatura em Música pela Universidade de Brasília (1996). Em 1998, selecionado pelo programa APARTES do Ministério da Educação (MEC), muda-se para Nova York onde conclui o curso de especialização em contrabaixo pela Bass Collective, sob a orientação de John Patitucci. Premiado com uma bolsa de 75% pela Manhattan School of Music, concluiu o Mestrado em Jazz Performance, em 2001, sob a orientação de Jeff Andrews. Músico profissional desde 1990, já se apresentou em várias cidades no Brasil e no exterior, além de realizar gravações e tocar ao lado de grandes nomes como Branford Marsalis, Marcio Montarroyos, Toninho Horta, Roberto Menescal, Léo Gandelman, Hamilton de Holanda, Oswaldinho Acordeon, Iva Bittová, Pena Branca, Imãs Galvão, Dércio Marques, Renato Vasconcelos, Dave Pietro, Mike Tucker e muitos outros. Na Revista 15.47, escreve na coluna **O TOM DA MÚSICA**



Mariana Almada

Graduação em ARTES VISUAIS e em TEOLOGIA, possui especialização em HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA pela UnB e SAÚDE MENTAL pelo Instituto Kallie. Professora no SEEDF. Tem experiência na área de Alfabetização, Formação de professores SEEDF, Ensino Religioso, Saúde Mental e Arte - com ênfase em Artes Visuais, Música e Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro de bonecos, criatividade, fotografia, educação, práticas sociais com ênfase na diversidade /saúde mental e psicanálise. Arte-Educadora, Fotógrafa apaixonada pelas formas, cores, tons, ângulos, pessoas, animais, na Revista 15.47 é responsável pela coluna OLHARES.



Deusedith Alves Rocha Junior

Graduado em licenciatura em História pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB - 1989), possui mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB - 1995) e doutorado em História, também pela UnB (2015), é professor universitário à mais de 20 anos, atuando como professor titular e como coordenador do curso de História do Centro Universitário de Brasília e como Assistente da disciplina Ética, Cidadania e Realidade Brasileira. Além disso possui vasta experiência em ministrar aulas para o ensino fundamental e médio. uma experiência, com mais de 20 anos, na área de História, com ênfase em História do Brasil Colonial, História Regional, Ensino de História e História da Gastronomia. Também atuou como professor nas disciplinas de Ética, Epistemologia e Antropologia, gastronomia e voluntariado junto a crianças e adolescentes Em nossa revista apresenta a coluna SABERES.



Carlos Eduardo Barbosa Garcez

Internacionalista, pós graduado em políticas públicas e gestão governamental, pós graduado em direito do estado. Barista, sócio proprietário do Saboretto Cafés Especiais. Entusiasta de marketing digital e fotografias, é responsável pelo O NOBRE CAFÉ.



Francisco Isidoro Pessoa Neto

Bacharel em turismo pela Universidade de Brasília (UNB), é Professor do QUALIFICA DF, nas matérias orientador de Turismo e Hospedagem. Além de ministrar o curso, fomenta os saberes a partir de visitas técnicas por Brasília. Artista Plástico, registra o cerrado, a Capital Federal, e diversos temas do dia a dia. Em nossa revista é responsável pela coluna **TURISMO - UM OLHAR A TENTO**



Fabiana Bitar Resende

Estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (UnB) e estudante de Teoria Patrimonial pela Universidad Politecnica de Cartagena - Espanha (UPCT). Experiente na área de projeto, conservação de patrimônio e integrante do projeto de Preservação de Escolas em Áreas de Tombamento pela FINATEC (Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos). Uma das criadoras do Manual de Preservação Patrimonial Infantil para Escolas Classe, Escolas Parque e Jardins de infância tombados. Na Revista 15.47 é responsável pela coluna **PATRIMÔNIO E HISTÓRIA, CORRESPONDENTE INTERNACIONAL**”.



Júlia Compan

Professora de jardinagem e paisagismo na Qualifica DF desde 2022. Formada em arquitetura e urbanismo pela UDF (2016 - 2020) e pós graduada em Engenharia Ambiental (2020 - 2022). Participei de projetos de extensão na UNB (Jardim de Sequeiro e Jardim Louise Ribeiro em 2021 - 2022). Na Revista 15.47 é responsável pela coluna **FLORA EM FOCO**.



Júlio Pastore

Professor adjunto da Universidade de Brasília - UnB nas áreas de Paisagismo, Arborização Urbana e Jardinagem. Agrônomo pela Universidade Federal de Goiás (2004), mestre em Paisagismo pela Università degli Studi di Firenze, Itália (2008), Doutor em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo FAUUSP (2014). Entre 2015 e 2017 desenvolveu pesquisa (pós-doutorado) sobre Filosofia da Paisagem e Teoria do Paisagismo na FAUUSP com estágio em pesquisa (interrompido) na Universidade da Califórnia, Berkeley. Desde a graduação tem atuação profissional nas áreas de paisagismo, jardinagem e recuperação ambiental, no Brasil, na Austrália e na Itália. Ganhador de 2 prêmios nas áreas de Arborização (Secretaria do Meio Ambiente/GDF) e de Paisagismo (V Bienal Latino-Americana de Arquitetura da Paisagem).



Florismar Gasparoto

Psicóloga, Jomalista, Contadora de histórias, escritora de literatura infantil, palestrante, benzedeira, membro conselheira no Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal – CONDEPAC-DF e , além de atuar como voluntária em hospitais contando histórias que transformam a dor em acolhimento e esperança de vida. Entre suas publicações estão livros infantis independentes como “Lara e as gotas de orvalho”, “No mundo da fantasia”, e “Tapete encantado”, a participação de 10 coletâneas. Em nossa revista é responsável pelos contos e textos da coluna **QUEM CONTA UM CONTO**.



Paulo Parucker

Graduado em História pela UnB, Parucker é mestre em História Social do Brasil pela Universidade Federal Fluminense, é consultor legislativo da Câmara Legislativa do DF, além de ter sido um dos grandes responsáveis pelos documentos abertos sobre a ditadura militar, que ocorreu a partir da Lei de Acesso à Informação (LAI) e da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Leis nº 12.527 e nº 12.528 (ambas de 2011), e como membro da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da UnB.

● ARQUITETURA. URBANISMO. ARTE. FOTOGRAFIA. CULTURA.

- 13 Transmutam as cidades, processos urbanos de vida. - Angelina Nardelli Quaglia
- 18 Pedro Ivo Verçosa. Muito além do tangível. - Patrícia Yunes
- 22 PANCs e FANCs: Um breve panorama sobre os alimentos não convencionais - Júlia Compan
- 27 Grafite, o que é? TOYS e sua intervenção além das paredes - Beatriz Berçott
- 31 PROCRASTINATIMIDADE ou: Sobre a arte de (não) fazer - João Diniz - Belo Horizonte (MG)
- 33 Sobre a beleza das pequenas coisas - Lucas Pontes - Buenos Aires (Argentina)
- 37 Carnaval das Águas - Mariana Almada
- 44 Corpos de Glitter, Corpos proibidos - Fabiana Bitar Resende
- 45 Fuá do Seu Estrelo: um patrimônio brasiliense. - Beatriz Nardelli
- 47 OS COMPARSAS. Show especial com a renda revertida para o Projeto Educação Patrimonial BsB - E.P.BsB.

● HISTÓRIA. PATRIMÔNIO. GASTRONOMIA. TURISMO.

- 50 Um passeio diferente: lugares de memória e ditadura em Brasília. - Paulo E. C. Parucker
- 56 Alimentar vidas inteiras com a Memória das pessoas. Isso também é Patrimônio Cultural
Angelina Nardelli Quaglia, porque a Juliana Rampim está de férias
- 58 "Dia Mundial do Café"? - Sobre comemorações, mudanças climáticas e tradição
Da editora chefe, também. O BARISTA está de férias
- 63 Outras formas de ver Brasília e seu território: Grupo de pesquisa Capital e Periferia

● SOCIOLOGIA. ANTROPOLOGIA. DIREITO. POESIA. COTIDIANO.

- 65 Iemanjá - Nelson Inocência
- 68 Poemas Estoicos - Deusdedith Alves Rocha Junior
- 71 Brasília e as cores que dançam, é Carnaval! - Ellaine Toledo
- 72 O momento perfeito - Marta Simone
- 74 A Cidade Estranha (ou Minha Declaração de Amor a Brasília) - Marta Simone

● MÚSICA. CRÔNICA. CONTO. CHARGE

- 77 Meu fluir - Florismar Gasparotto
- 78 Sr. Geri, conhece? Beatriz Berçott

● FOTOGRAFIA DA CAPA. ARTE.

- 81 Foto da Capa. "Uma ideia para Brasília" - Da Redação



ARQUITETURA.
URBANISMO.

ARTE.
FOTOGRAFIA.

FOTOGRAFIA.

CULTURA.





Angelina
Nardelli
Quaglia

● O DESIGN CRIATIVO
ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA

**Transmutam as cidades, processos urbanos de vida
Um desabafo para Brasília, e para as cidades do mundo.**

Ao traduzir o que transmuta as cidades, lembro da noção de impermanência tratada por Jung¹ fazendo-nos compreender a morte como um processo de continuidade. Não é preciso muito esforço para saber que isso se aplica às muitas questões além da vida, per si, inclusive na paisagem urbana. Elas (as cidades), são vivas, e transformam-se de tempos em tempos, evocando novos períodos históricos e processos culturais, porque nada permanece intacto ao longo da história, e tudo é um reflexo dos anseios sociais. Todavia, como planejar a preservação e a manutenção de cidades que são sítios tombados por inteiro, como é o caso de Brasília? Na minha opinião, preservando-a.

Desejo viver mais 200 anos - repito sempre -, para poder contemplar o destino que aguarda a nossa sociedade. Isso, porque pretendo testemunhar a evolução da paisagem urbana e as profundas transformações que moldarão os horizontes nas cidades. Sinceramente, anseio ver, bem de perto, todas as mudanças nos Marcos Visuais² das cidades que já visitei, e principalmente daquela onde escolhi morar. E mesmo tendo em vista que todas elas estão sujeitas às transformações do tempo e da sociedade, e que dependem das decisões legislativas que as moldam, pensar na possibilidade de me deparar com novas paisagens emergindo, refletindo de forma rudimentar as nuances de uma era por vir, é empolgante, e ao mesmo tempo, assustador. Quase um looping histórico, onde em alguns casos, reviveremos as tragédias urbanas e sociais do passado, repaginadas.

Espero ansiosa para verificar se aquele edifício na W3 Norte, pelo qual nutro grande apreço, e onde reconheço a elegância da arquitetura brutalista da década de 70³, ficará de pé. Da mesma forma, aguardo para ver se o Conjunto Fazendinha, tombado em 1988 pelo Governo do Distrito Federal e que remonta aos primórdios da construção de Brasília, na Vila Planalto, resistirá a mais um ano de negligência e ausência de medidas de preservação. Sucumbirá ao descaso? E o que dizer dos emblemáticos "Hotéis Anões"? Essas pequenas joias representam um dos conjuntos hoteleiros mais antigo de Brasília, testemunhando uma elegância histórica e uma espécie de "atemporalidade temporal" na Escala Gregária.⁴ O que será do Torre Palace Hotel, primeiro a ser verticalizado? Sobreviverão por mais 10 anos? Ou duzentos? O que será de Brasília e suas escalas?

Pergunto porque em Brasília os ensejos do lucro e da forte especulação imobiliária, que acompanham a cidade desde antes de sua construção, tomaram lugar aos processos de educação sobre o Patrimônio Cultural, prejudicando o entendimento acerca da importância da cidade como um Bem tombado, incomum, único no mundo, e carente de manutenção e de legislações que corroborem com a preservação. Prevalece o desejo de "adensar", e de construir ocupando o que não se deve ocupar. Existe um grande risco da paisagem tombada desaparecer, em meio a uma ovação distorcida e incoerente sobre leis inóspita, hostil, repletas de propósitos pouco preservacionistas e muito destrutivas (Vide o PPCUB).

1. Carl Gustav Jung** (1875-1961) foi um psiquiatra suíço, fundador da escola da Psicologia Analítica. Ele desenvolveu conceitos importantes que tiveram grande impacto na psicologia e na compreensão da mente humana.

2. Marcos visuais são os pontos que visualmente permitem a uma pessoa localizar-se nas cidades, por serem pontos que chamam a atenção para além dos pontos comuns. O termo foi cunhado pelo urbanista Kevin Lynch, autor de A Imagem da Cidade.

3. O edifício em questão encontra-se na SEP 505 e foi projetado por Guedes Pinto Associados, com painel interno pensado pelo artista já falecido Nicolas Vlavianos. Foi construído em 1976, e fazia parte de um grupo de edificações brutalista construídas em Brasília. Foi descaracterizado por obra recente. Recebeu a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI),

4. A Escala Gregária é aquela que, dentre as 4 que compõe Brasília, permite encontros não programados, possui edificações mais altas, menos vegetação, mais similar aos centros das cidades convencionais.

Onde vamos colocar as memórias da paisagem de Brasília, e tudo que a torna única no mundo? O que farão as futuras gerações sobre certas aprovações atuais, onde os seus vastos espaços bucólicos, “vazios não vazios”, propositais numa cidade modernista (única, repito), poderão ser afetados? Como ficarão estes espaços, em meio a uma destruição dita como “progresso”, com permissões escusas na face de Minuta que se tornará uma Lei (PPCUB, mais uma vez), e que grita aos olhos quando na leitura dos “cheques em branco” que constam nos “(...)planos, programas e projetos(...)”, que não estão de fato definidos? Ou estão, e não sabemos! Um documento que mais parece uma colcha de retalhos, com seus jabutis bordados entre os textos.

Como preservar as memórias coletivas, sem a paisagem que nos torna únicos? Qual será o legado sobre as permissões, os silêncios e a ignorância praticados propositalmente? Porque recuso-me a acreditar que alguém, de fato, não perceba que neste equivocado Projeto de Lei faltam capítulos inteiros que abordem os instrumentos de preservação, onde e como utilizá-los. Porém, para a futurologia dos “planos, programas e projetos”, existem menções por toda a parte. Sendo diferente das demais, Brasília deveria ser tratada como tal. Mas, infelizmente, tudo parece caminhar de mãos dadas para uma destruição mascarada de “progresso”. Um documento controverso, inspirado no personagem criado por Mary Shalley. Uma legislação permeada por interesses escusos, numa costura grosseira e repleta de furos (armadilhas), ocultos entre suas linhas arrebitadas. Como garantir a salvaguarda da visão original, e da sua importância global? Afinal, somos inscritos como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco.

E as nossas memórias pessoais, que também compreendem as dimensões da salvaguarda de um sítio tão importante para o Brasil e para o mundo? Estarão armazenadas nos corpos mortos sobre a terra, nos textos acadêmicos, nas pesquisas dos arquivos públicos que contemplam o passado, mas, ignoram o futuro? Por quanto tempo manteremos a lembrança da rua da Igrejinha (107/108 Sul), tendo na “esquina que não existe”, a Academia de Ballet Norma Lilian (extinta), onde hoje dá lugar a um restaurante; ou o restaurante Xique-Xique com sua deliciosa gastronomia nordestina servida num sublime varandão com cheiro de carne de sol e queijo coalho, que resiste? E se um dia a Pizzaria Dom Bosco parar de existir, ou de resistir? Algo do gênero nos levaria, brasilienses e candangos a loucura.

Entendo que prospecções futuras causam ansiedade, porque ainda não veio o tempo que espera-se. Mas se desconsiderarmos as gavetas fechadas de nossas memórias, aquelas que guardam fragmentos da cidade que habitamos hoje, reflexos culturais do passado, a impermanência chegará ainda mais rápido. A perda da opulência de Brasília, em sua simplicidade modernista, é um bom exemplo daquilo que se esfacelará com o tempo, a partir das mudanças previstas na paisagem. Uma resposta da impermanência, com sorte de calar os anseios dos patrimonialistas que prezam pela preservação, porque é este o único caminho. As memórias tornar-se-ão entulhos, junto as lajotas vermelhas das tesourinhas, arrancadas por pelo silêncio de quem deveria defender o patrimônio histórico e artístico brasileiro, e por um governo que esquece, ano após anos, que não somos qualquer cidade!

O arquiteto urbanista Edson Sasi captou perfeitamente essa dualidade do tempo na paisagem urbana, e num domingo, enquanto observava a cidade de Goiânia, compartilhou seus pensamentos sobre essa experiência.

“Estou a observar o trânsito e os edifícios cada vez mais altos em contraposição a uma casa com telhas de barro que insiste em permanecer em um espaço que, em tese, vem pavorosamente se alimentando de todos os espaços vazios que a cidade ainda bravamente resiste em manter. Do nada me veio as aulas do Prof. Gunter⁵ e sua fala da maneira “sinfônica” que as fachadas dos edifícios propunham para a análise morfológica dos espaços. Assim como a música a arquitetura se comporta com; momentos de leveza, tensão, terror, equilíbrio... Aprendi com Prof. Gunter que na arquitetura na sua justa medida, tudo é necessário. O feio e o belo, como escreve Humberto Eco, se complementam na justa medida de seu tempo. Eu, no momento, tenho a sensação que prefiro as cidades invisíveis de Ítalo Calvino, onde tudo acontece e, ao mesmo tempo nada existe.”

5. Professor Gunter Rolans Kohlsdorf Spiller foi professor Adjunto da Universidade de Brasília, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB); e prefeito do Campus. Integrou as equipes dos escritórios Höfler/Kandel/Krebs, na Alemanha; Escritório Viglicca, no Uruguai, e Zimbres & Reis Arquitetos Associados, no Brasil. Um grande professor, meu e tantos outros bons arquitetos urbanistas.

O fato é que a cidade é uma narrativa de classes, de poder, e esta, por sua vez, uma memória, que dependerá da percepção pessoal de cada observador. Adichie (2012) reitera os formatos desta “disputa” na narrativa sociocultural e socioeconômica das cidades, num viés que é importante reconhecermos.

“As histórias têm sido usadas para desapropriar e tornar maligno. Mas as histórias também podem ser usadas para dar poder e para humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada.”

(Adichie, Palestra “O perigo da história única”. 2012⁶)

Não se “destomba” a ideia de Brasília, porque ela vai além do convencional. Mas transfura-se. Brasília é paisagem moderna, clara enquanto ideia pensada por Lucio Costa, representativa, enquanto desejo de Juscelino Kubitschek. Necessita, para permanecer original, não se assemelhar as demais cidades no mundo. E não digo que a congelem. É absoluto solfejo cultural, promessa que transita entre a a coisa estranha - por que nada mais havia sido feito desta forma -, e a coisa nossa, porque hoje pertence, existe, é coisa feita.

Bem fez Clarisse Lispector, de seu lugar maestral com as palavras que nem sempre foram professadas pelas pessoas comuns, ao trazer a tona uma Brasília a sua “espécie”, com a percepção dela. Nem boa, e nem ruim, apenas uma cidade que observou, tal qual Calvino relatando Marco Polo em seus retóricos discursos sobre as cidades invisíveis, para Kublai. Porque é preciso perceber, mais do que querer modificar, e preservar, mais que destruir, numa cidade única como a nossa, o seu movimento e os riscos que podem vir a destruir um lugar real, único e plural.

Não havia aqui, naquele tempo (1960), a temporalidade objetiva acumulada, como existe agora. Afinal, o que é a paisagem se não uma composição onde tudo conjuga o lugar e o tempo? O verbo que vivenciamos ao longo dos percursos que vivemos, e os caminhos que decidimos tomar junto a tudo que existe à nossa volta. Tudo era novo. E essa é a “habilidade” da paisagem, permear poesia em nossos olhos, em nossos narizes aguçando o olfato, em nosso tato, no equilíbrio de nosso cérebro, é o conjugar a vida. Digo isso porque vivenciamos a paisagem (urbana, rural, lunar ou de Marte), quaisquer que seja, acumulando as imagens, as sensações, os sons, os cheiros, e até mesmo os gostos, gerando memória. Gestando ali, na observação, paisagem uma memória única, mas, que dependerá sempre dos nossos conhecimentos e questões sociais específicas para percebê-la. A paisagem urbana é interpretada, tendo em vista que o reconhecer o espaço a nossa volta é cultural. Pensem em quantas culturas temos em nosso mundo!

Brasília é reconhecimento cultural. Para pertencimento, ou estranheza. E Clarisse explica Brasília como algo único, trazendo a ideia de que precisávamos ter criado um homem novo, um “*Homo Brasilienses*” - nota minha, digo eu -, e segue, atual, contanto sobre uma Brasília distante da realidade, como num sonho, um tipo de pesadelo, de estranheza soberana, de luz que cega os olhos.

“Brasília é construída na linha do horizonte. — Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. Nós somos todos deformados pela adaptação à liberdade de Deus. Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar, e depois o mundo deformado às nossas necessidades. Brasília ainda não tem o homem de Brasília” (...) Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer — Lucio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. — Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu”

7. Italo Calvino foi escritor e jornalista, filho de italianos nascido em Cuba (1923), e falecido em Siena, Itália (1985). Foi um escritor e jornalista, e entre suas obras está o livro *As Cidades Invisíveis* (1972), onde descreve Marco Polo em diálogo com Kublai Kan, descrevendo as cidades que viu, porém, de modo particular sobre uma percepção que deseja ser a passada para o líder mongol.

A paisagem de Brasília, tal qual descreveu Clarisse Lispector, é única e artificial porque não surgiu espontaneamente como as cidades que nascem de “parto natural”, a partir da ocupação do homem e das mudanças culturais que as transformam. As cidades comuns. Ela foi criada segundo os ideais modernistas, uma cidade de laboratório, ousa afirmar, nascida por uma cesariana feita as pressas, em 3 anos. Mas nasceu, existe, e resiste à 64 anos. E, diferente do que dizia em sua crônica “Nos primeiros começos de Brasília” (publicada originalmente no Jornal do Brasil, em 20 de junho de 1970), Clarisse não viu, penso eu, o “Homo Brasilienses”, que digo sempre, já aqui está, acostumando com a paisagem da cidade, sem estranhá-la tanto quanto os de fora o fazem.

Não é uma paisagem cristalizada no tempo, por ser tombada. Ela transmuda, diferente do que alguns incrédulos e desgostosos por Brasília afirmam. Nela é possível perceber as décadas, espalhando tipologias edilícias ao longo do tempo. Passou de um vazio sem vegetação (foi arrancado o cerrado para construir a cidade), para a beleza das floradas nas árvores frondosas que permeiam de verde na capital. Ao longo do ano, secam e brotam num bellissimo bailado de cores, *entre* amarelos, laranjas, roxos, rosas e brancos, numa composição poética da flora exótica e do cerrado. São paineiras, Ipês, Quaresmeiras, Flamboyants, Cambuís, Sibipirunas, Bougainvilleas, dentre tantas outras que nos presenteiam, após um longo período de um cinza profundo e melancólico. É reviver a impermanência todo ano.

Estamos, os homens e mulheres calangos daqui, em grande parte acostumados com a nossa paisagem, nossa secas. Mas ainda existe uma estranheza “lispectoriana” em alguns moradores, que esperam uma cidade comum, dentro desta, que já é extraordinária, com vida própria. Nos acostumamos ao Eixo Monumental, representativo sobre uma escala que nos coloca pequenos perante a grandeza do nosso país; acostumados com a escala das Superquadras e a calma que nela habita, e com seus inúmeros comércios sem lógica, onde formaram-se ruas apenas das Elétricas (109/110 Sul), das Farmácias (102 Sul), ou dos Restaurantes, com letra maiúscula porque já virou uma denominação, como nos contou Rubens Perlingeiro, em carta escrita para Brasília, para exposição, livro e documentário intitulados “60 Olhares Sobre Brasília”, no 60º aniversário da capital.

Artificial, eu afirmo, nem o Lago Paranoá e sua orla. Essa onde nada deveria ser, mas é, porque seria do povo, e não foi? Pontos remotos de acesso para o lago “previsto” por Auguste Glaziou,⁸ existem poucos, permitem a compreensão da ganância pela terra, e ao mesmo tempo, permitem a visão da beleza de um lugar. A partir da cota 1.000, dentro do lago, vê-se um magnífico por do sol, e uma cidade ao contrário, como ao avesso, porém lindíssima e única (repito).

É essa percepção subjetiva da paisagem, uma variável entre o significado pessoal e coletivo, que nos molda sobre o pertencer, e nos faz sentir falta de algo, ou percebê-la completa. E talvez (friso a dúvida, mesmo que leve), Clarice tenha tido razão, quando falou sobre a necessidade da criação do “homem de Brasília”. Um híbrido de pessoa que admira, com pessoas que pretendem manter a gênese da cidade. E este, por sua vez, deveria ser treinado para gestor, coordenador de departamento de projeto urbano, reconhecendo o patrimônio como forma de permitir um legado às futuras gerações, sem responder aos anseios de meia dúzia de gananciosos que especulam na cidade. Quem sabe assim as leis por aqui seriam tão diferentes e experimentais, a partir das noções internacionais de patrimônio, assim como foi sua criação. Se Brasília foi um experimento, que sigamos a ordem natural das coisas.

Por hora, neste momento de tenção sobre a criação da lei que manterá Brasília como inusitada e única, ou iniciará a destruição do que nasceu para ser único, a vontade é resenhar as vilas operárias que desconfiguradas, arranham meus olhos com o que provavelmente poderemos vir a ser. Para seres que não pertencem, não mantêm, desnudam a paisagem, errar é coisa normal. A minha vontade é redesenhar os comércios locais das Superquadras, e permitir que o uso seja coletivo, sem que parece uma cidade vista ao avesso. Querem redesenhar Brasília errado, o que me parece coisa de arquitetos e urbanista frustrados, ou sedentos por serem mais do que acham são. Não beberam das fontes do patrimônio! Mas a manutenção deste Patrimônio Cultural depende daquilo que está para além de nossas mãos brasileiras, e de nossos anseios como projetistas. Depende do que nascerá para além do “Homo Brasilienses”! É preciso uma raça de seres mais apropriados para aquilo que é modo de vida pensado, mas, natural dentro do que aprendemos a ser.

8. Auguste François Marie Glaziou, francês, formado em Engenharia Civil, com especialização em Botânica, Agricultura e Horticultura, veio trabalhar no Brasil como paisagista convite de D. Pedro II, aos 25 anos. Foi ele que na missão Cruzeiro, avistando o local onde hoje encontra-se o Lago Paranoá, defendendo a tese que afirmava ali ter existido um lago, “milhões de anos atrás”.

Esse grande desabafo, torto, triste e ansioso sobre a memória e a paisagem de Brasília, faço antes que o meu coração exploda por observar aquilo que é difícil modificar sem destruir. E quando a maioria não sabe o que está em jogo sobre a nossa paisagem., sobre a cidade, porque não aprendeu, é impossível confrontar legislações e desejos sociais pontuais, transmutados em coletivos. É como quando não se reconhece uma norma social, ou um signo urbano de trânsito e seu significado. Tudo fica nas mãos de quem sabe mais, ou paga mais.

Não acho possível que propostas feitas a revelia da percepção da preservação, das cartas patrimoniais, e das lógicas atuais sobre cidades resilientes e cidades tampão, possam ainda coexistir com a permanência da existência humana, mesmo em Brasília, essa cidade que faz para alguns, parecer que pode-se fazer tudo!

Em Brasília é importante datar as camadas históricas dos espaços construídos e vazios, seu Skyline, porque importa a temporalidade e a subjetividade que estes espaços trazem e como são compostos. As escalas precisam estar presentes nesta noção de tempo e espaço que estamos a gerir, todos nós. É o que compõem a lógica do todo, não aquilo que querem fingir que não existe e falta. É a experiência do vivido pelos sentidos conferidos aos lugares, tornando-os cidade qualificada, como um lugar no tempo. Dito isso, saliento que falta acrescentar ao PPCUB, em “planos, programas e projetos”, as diretrizes futuras, para eliminar a “futuurologia” das coisas, como sempre foi feito por aqui. Faltam os mecanismos de proteção do manutenção do patrimônio, as diretrizes de como fazer nos próximos anos.

Afirmo que Brasília é lugar de morada, mas também é lugar de contemplação, formado por uma Escala Monumental de onde é preciso manter a sensação de pertencer na grandeza que representamos; é a escala residencial de onde não cabe muito adensamento; é a escala Gregária onde arrisca-se por aqui viver a sensação da cidade comum, numa loucura de gentis e tantos sentidos juntos, mas que deve compreender sua significância e sua vocação como lugar; é a Escala Bucólica, que permeia tudo que é espaço aberto, nos “vazios” programados para existir. Tudo aqui é arte, é “música congelada” como disse Goethe. São os pilotis livres, as áreas verdes *non aedificandi*, as pessoas que passam de fora, as cercas que faltam, mas que existem.

Querem transmutar nossa cidade em uma coisa comum, adensada, vendida aos “personagens anônimos” que sabemos bem por aqui quem são, e que advertidamente não citarei (mas sabem que eu sei), ávidos por alterar o que nunca entenderão. É a coisa de só saber fazer o signo do qual se compreende o significado.

Não existem dois lados da moeda quando o assunto é a preservação, em especial de sítios tombados. A questão é que, quando o ponto é a preservação do Patrimônio Cultural, a preservação de Brasília, de fato é urgente a necessidade em compreender que para além da lógica do sim e do não, existe uma razão de ser.

É fácil demonstrar, quase de maneira científica, que só preservamos aquilo que sentimos ser nosso, e que quando existe a consciência do que deve ser preservado em prol de um atroz avanço econômico numa região, evoluímos como sociedade. A coisa estranha do raciocínio comum do perder para ganhar, sublima toda e qualquer questão racional sobre a manutenção de uma lugar.

Um dia as cidades como conhecemos, vão sucumbir. A impermanência chega para tudo, e não será diferente com Brasília. Seria genial que o “Homo Brasilienses”, que reconhece o signo e o significado do que temos aqui, fosse capaz de cuidar da joia magnífica que tem em mãos. Pena que nem todos tem a mesma gênese desta tipologia de gente brasileiro de fato, mesmo que alguns tenham doutorado e sejam PHD em questões urbanas triviais, menos sublimes que o reconhecimento do preservar. Brasília é uma história de dois lados, que precisa ser contada, e para tantos, precisa ser preservada.

Bibliografia:

LISPECTOR. Clarice. **Nos primeiros começos de Brasília**. Página 02. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 1970.

Acesso: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=%E2%80%9CNos%20primeiros%20come%C3%A7os%20de%20Bras%C3%ADlia%E2%80%9D&pagfis=188766)

[pesq=%E2%80%9CNos%20primeiros%20come%C3%A7os%20de%20Bras%C3%ADlia%E2%80%9D&pagfis=188766](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=%E2%80%9CNos%20primeiros%20come%C3%A7os%20de%20Bras%C3%ADlia%E2%80%9D&pagfis=188766)



● ARTE E HISTÓRIA

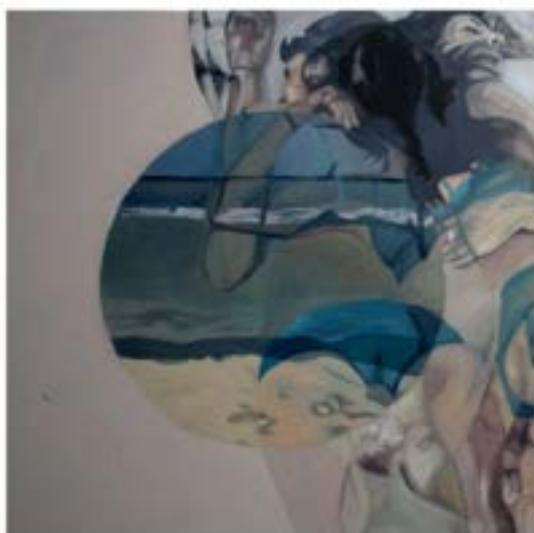


Patrícia
Yunes

PEDRO IVO VERÇOSA

MUITO ALÉM DO TANGÍVEL

“A arte é uma doença, é uma insatisfação humana: e o artista combate a doença fazendo mais arte, outra arte. Fazer outra arte é a única receita para a doença estética da imperfeição”¹



Ensaio sobre os dias, 2015, OST

Eu não conheci pessoalmente o artista Pedro Ivo. Sequer tangenciei as bordas de seus interesses pessoais momentâneos ou planejamentos elencados para o futuro. Desconheço quais foram seus amores ou aquilo que o animou a fazer determinadas escolhas estéticas em detrimento de outras. Mas, posso afirmar, a arte deste grande artista me arrebatou de tal forma que, apenas hoje, após alguns meses da exposição retrospectiva de seu trabalho, consegui organizar o pensamento para entregar, neste artigo, minha experiência.

A exposição mencionada ocorreu sob o título *Pedro, retrospectiva Pedro Ivo Verçosa*, em junho de 2023, no Museu Nacional da República, em Brasília. Apesar de atenta às armadilhas impostas pelo calendário, compareci ao evento apenas no último dia, fato que lamentei, em penitência contrita, durante tempo considerável. Afinal, para explorar satisfatoriamente as quase 400 obras expostas, em todo o espaço térreo do Museu, seriam necessárias horas de dedicação e uma capacidade cognitiva afiada, para que, durante a visita, fossem respeitados os métodos adotados pela curadoria e ressaltadas as distintas fases de trabalho do artista.

Embora Pedro Ivo tenha iniciado sua produção por volta de 2006, incorporarei ao texto alguns dos trabalhos realizados a partir de 2015, período no qual executou suas telas mais impactantes; o propósito é fazer um recorte baseado nas impressões obtidas durante a exposição. Seleção difícil, sobretudo se levarmos em conta o volume do acervo deixado pelo artista.

1. Mário de Andrade, 1989, in: Salles, Cecília Almeida, *Gesto Inacabado*, p.38.

O conhecimento que Pedro tinha da figura humana dava mostras do tempo que empregara em estudos teóricos e esboços recorrentes. Impressionou-me, de imediato, o domínio técnico, em grau absoluto, identificado nos inúmeros autorretratos em metamorfoses constantes. A imagem de seu rosto transmutada em sentimentos contraditórios. Naquela tarde, fixada aos meus pensamentos em turbilhão, estava a lembrança daquela face una, desmembrada em muitas outras, tantas quantas podem suportar as transformações do sentimento humano. Recuso-me a utilizar, neste artigo, a metáfora das máscaras moldadas ao gosto das conveniências sociais. A superlativa arte de Pedro Ivo, sem dúvidas, supera as obviedades retóricas.



A busca, quase frenética, pelas filigranas gestuais fala da obstinação de um jovem em busca de algo que estaria além do objeto investigado. Alguma sutileza que os instrumentos à disposição de sua inventividade inquieta por certo não o auxiliaram a materializar integralmente. Pincel, tinta, carvão, aliaram-se a recortes fotográficos e outros materiais (todos servos do transe criativo) para que a experimentação sem peias ocorresse em plena liberdade e muito além do tangível.

O fato é que a energia despendida pelo artista, no decorrer do processo de execução das obras, por certo se misturava às tintas em verdadeira fusão da matéria bruta com os fluidos quintessenciados, sutilíssimos, doados pelo universo. Em determinado momento, foi possível perceber que a fidelidade à cor se tornara pequena diante da necessidade urgente do registro das emoções. Uma junção aparentemente simples, mas que, na realidade, entregava uma solução sofisticada: privilegiar a alma e suas urgências em detrimento de técnicas tradicionais momentaneamente desnecessárias.

Foram muitos os estudos nos quais as mãos, por exemplo, aparecem como o “objeto” essencial, portanto, imagem recorrente em suas investidas. Estaria o artista a se ocupar com os estudos clássicos a respeito da proporção matemática ideal do corpo humano ou seus olhos buscavam aquilo que *Panofsky* (2017) pegara emprestado do historiador da arte *Alois Riegl*, a chamada *Kunstwollen*, cujo conceito repousa em generosa relação estética e cultural mais dilatada?² Do extremo que parte da composição fria, cartesiana, ao movimento visceral, expressionista, uma enormidade de caminhos por certo surgiram. Mas nem tudo carece de explicação verossímil e nem todo trabalho em artes visuais necessita, obrigatoriamente, de finalização. Além do mais, quem definiria o momento “correto” para concluí-lo?

Cecília Almeida Salles (2011) nos fala das “marcas psicológicas do gesto criador”, uma espécie de dor que acompanha o ato da criação. A autora menciona também a ideia de uma “apologia do inacabamento” ao citar Picasso: ‘Não gosto nunca de concluir um quadro. É muito mais fácil terminá-lo do que deixá-lo inacabado’. O que está acabado, pode não estar vivo. A vitalidade sugere movimento, modificações consecutivas, estresse entre as formas ou linhas. Talvez por isso os autorretratos, nos quais se percebem movimentos contínuos e dinâmicos. Seria o objetivo a perpetuação da obra? Perpetuação do próprio artista?



Soube que Pedro gostava de pintar enquanto contemplava a paisagem a partir de sua janela, durante período no qual esteve em São Paulo. Me disseram também (por fontes fidedignas) que o artista tinha, na gentileza, a marca indelével de seu caráter, quando em relação com outros, conhecidos ou não. E disso não tenho dúvidas, sobretudo ao ver os registros feitos nos grupos que ajudou a criar e nos depoimentos dos artistas que obtiveram ensinamentos e companhia. Das fotografias de seu cotidiano às pesquisas na Rodoviária de Brasília, lá estava sua matéria prima.

O fato é que esse trabalho de fôlego para a exposição, realizado a muitas mãos, resultou em um belo material impresso com cerca de 290 páginas; que permanece fechado ao meu lado enquanto escrevo. A ideia foi apenas folheá-lo, de relance, para que pudesse capturar algo do riquíssimo legado do artista e selecionar as imagens que ilustram este artigo. Pura traquinice.

2. Grosso modo, o conceito de *Kunstwollen* abarca a ideia de que as obras de arte não podem ser apartadas do momento histórico e da realidade cultural. Fala, portanto, de um “sistema de valores” mais abrangentes.

Confesso que não li, intencionalmente e em totalidade, os textos contidos nele. Sei que encontrarei informações de grande relevância, escritas por pessoas de excelência intelectual e que usufruíram da amizade e da convivência estreita com Pedro. São autores preciosos como Valéria Pena-Costa, Marília Panitz, Renata Azambuja e o curador da exposição, Ralph Gehre, apenas para mencionar alguns.

Certamente lerei, tão logo entregue este material ao editor. A intenção foi me permitir uma incursão solitária e personalíssima ao mundo de Pedro Ivo, por intermédio de suas imagens. Adotei o famoso “risco calculado” para que fossem preservadas minhas tergiversações mais puras. Escolhi lançar-me ao abismo com minhas próprias inquietações. Uma contribuição singela, não obstante honesta, a respeito de um artista que aprendi a reverenciar. E a finalmente compreender por qual motivo permaneci em silêncio por tanto tempo.



***Todas as imagens que compõem o presente artigo foram retiradas da obra: Pedro Ivo Verçosa, registrada na bibliografia.**

Bibliografia:

- NEIVA, Bruna (Org.). **Pedro Ivo Verçosa, Brasília: Tuíá Arte Produção, 2023.**
PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**, São Paulo: Perspectiva, 2017
SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**, 5ª Edição, São Paulo: Intermeios, 2011.



Júlia
Compan

PANCS E FANCS: UM BREVE PANORAMA SOBRE OS ALIMENTOS NÃO CONVENCIONAIS

O **Peixinho-da-horta** (*Stachys lanata*), **ora-pro-nóbis** (*Pereskia aculeata*), **taio** (*Xanthosoma sagittifolium*), **guaco** (*Mikania glomerata*) e **cará-moela** (*Dioscorea bulbifera*) são alguns exemplos das tais PANCs: As plantas alimentícias não convencionais, que podem ser de aproveitamento total ou parcial, e que são pouco difundidas na sociedade pelo seu desconhecimento ou por serem pouco estudadas pela comunidade técnico-científica.

Já os chamados FANCS são os Fungos Alimentícios Não Convencionais ou Cogumelos Silvestres, ainda menos conhecidos e consumidos pelos brasileiros. Estima-se que o brasileiro consome, em média, apenas 160g de cogumelos por ano, número muito abaixo de outros países, como na China, por exemplo, onde os cidadãos consomem em média 8 kg de cogumelos por ano e, na Alemanha, que se consome em média 4 kg anualmente. O baixo consumo de fungos na alimentação deve-se ao alto preço no mercado e a falta de tradição na culinária brasileira.

Algumas PANCs e FANCS já são mais consumidas em função do conhecimento regional, da agricultura familiar e em comunidades tradicionais. Um subgrupo do povo Yanomami, chamado Sanoma, por exemplo, inclui 15 espécies de cogumelos em sua dieta que são pouco conhecidos pela comunidade científica. Um deles é o *Favolus brasiliensis*, que possui aroma e textura muito semelhante ao peixe. O **jambu** (*Acmella oleracea*) é outro exemplo da regionalização do consumo das PANCs, pois apesar de ser desconhecida em grande parte do país, é bastante consumida na região Norte. (JACOB, 2020).

EDUCAÇÃO ALIMENTAR E O COMBATE À FOME

Chama a atenção a lista de nutrientes, antioxidantes e até propriedades medicinais ofertadas pelos alimentos não convencionais. No atual cenário que, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) em 2022, mais de 70 milhões de brasileiros passam fome, se faz necessária a educação alimentar que prepare a sociedade para produzir e consumir da maneira correta, saibam o modo de preparo desses alimentos e, também, como cultivar esses alimentos negligenciados. (OLIVEIRA et al., 2018; TULER, PEIXOTO e SILVA, 2019).

A araruta (*Maranta arundinacea* L), planta herbácea em que se consome a raiz, é conhecida por “comida de menino” na comunidade rural de Porto Seguro-BA por ser rica em carboidratos, importante para o combate à desnutrição infantil. Sua farinha pode ser usada como espessante em caldos e sopas, no preparo de mingau, bolo e biscoitos. Este é um exemplo de como o estímulo ao consumo e cultivo de PANCS e FANCS levam a soberania e segurança alimentar para as comunidades tradicionais. (Nogueira et al., 2020)



ORA-PRO-NOBIS
Pereskia aculeata

Segundo o estudo de John Warrer, professor de botânica da Universidade de Aberystwyth, na Grã-Bretanha, nós consumimos apenas 0,6% de todas as plantas comestíveis que existem, ou seja, das 300 mil espécies de plantas comestíveis, só 200 estão no nosso cardápio. Sendo que, entre essas, nossa maior fonte de alimento é reduzida a dez culturas por serem de “fácil cultivo”, com a lógica de necessitarem menos dos agentes polinizadores específicos. Dentre essas dez culturas estão a do milho, trigo, arroz, banana, batatas e soja.

Já o número dos fungos alimentícios ultrapassa 2 mil espécies (Choudhary et al., 2015), sendo que, no Brasil, consome-se majoritariamente os cogumelos produzidos em escala industrial, como o champignon (*Agaricus bisporus*), o shimeji (*Pleurotus ostreatus*) e o shitake (*Lentinula edodes*).

O consumo de cogumelos silvestres traz benefícios por possuírem aminoácidos essenciais, fibras, vitaminas, minerais e até proteínas com baixo teor de gordura. A sua contribuição em uma dieta balanceada depende da quantidade e frequência que são consumidos (Boa, 2004).

Apesar da produção de alimentos ter maior foco em dezenas de culturas, a produção de alimentos não convencionais é uma alternativa de sustento para agricultores, contribuindo para a economia local. A identificação dessas plantas e fungos contribui, também, para o combate à fome em populações em vulnerabilidade socioeconômica e a valorização e manejo de espécies alimentícias nativas (TERRA e FERREIRA, 2020).

Segundo o estudo de John Warrer, professor de botânica da Universidade de Aberystwyth, na Grã-Bretanha, nós consumimos apenas 0,6% de todas as plantas comestíveis que existem, ou seja, das 300 mil espécies de plantas comestíveis, só 200 estão no nosso cardápio. Sendo que, entre essas, nossa maior fonte de alimento é reduzida a dez culturas por serem de “fácil cultivo”, com a lógica de necessitarem menos dos agentes polinizadores específicos. Dentre essas dez culturas estão a do milho, trigo, arroz, banana, batatas e soja.

Já o número dos fungos alimentícios ultrapassa 2 mil espécies (Choudhary et al., 2015), sendo que, no Brasil, consome-se majoritariamente os cogumelos produzidos em escala industrial, como o champignon (*Agaricus bisporus*), o shimeji (*Pleurotus ostreatus*) e o shitake (*Lentinula edodes*).

O consumo de cogumelos silvestres traz benefícios por possuírem aminoácidos essenciais, fibras, vitaminas, minerais e até proteínas com baixo teor de gordura. A sua contribuição em uma dieta balanceada depende da quantidade e frequência que são consumidos. (Boa, 2004)

Apesar da produção de alimentos ter maior foco em dezenas de culturas, a produção de alimentos não convencionais é uma alternativa de sustento para agricultores, contribuindo para a economia local. A identificação dessas plantas e fungos contribui, também, para o combate à fome em populações em vulnerabilidade socioeconômica e a valorização e manejo de espécies alimentícias nativas. (TERRA e FERREIRA, 2020)



Champignon, o shimeji e o shitake
Bric-à-brac A.Quaglia

5 PANCs para ter na sua horta

Muitas PANCs tem um caráter de ervas daninhas e espontâneas (LIBERATO, LIMA e SILVA, 2019). Isso acontece devido a facilidade da sua propagação, sendo muito comum encontrá-las no “meio do mato” e até calçadas. Por serem comuns em lugares que podem possuir contaminação (fonte de esgoto, por exemplo), não é indicado consumir essas plantas sem saber da procedência e sem a sua higienização.

Lembre-se: O uso de PANCs para fins fitoterápicos deve ser orientado pelo médico, pois algumas plantas possuem contraindicações e efeitos colaterais indesejáveis.

Capuchinha (*Tropaeolum majus*)

Outros nomes populares: Mastruço, chagas, chaguinha, agrião do México.

Partes utilizadas: Folhas, flores e frutos.

Sabor: Picante, semelhante ao agrião.

Uso e modo de preparo: Pode ser consumida in natura, infusão das folhas ou refogadas. As flores e folhas são usadas em preparo de saladas ou em decoração de pratos. As folhas refogadas podem acompanhar tapioca.

Propriedades medicinais e nutrição: Diurética, anti micótica, analgésica e contra queda de cabelos. Folhas frescas aliviam sintomas gripais, como a dor de garganta. Os frutos verdes são consumidos como substituto da alcaparra, quando maduros são usados como laxantes. Possui vitamina C, potássio, cálcio e zinco.

Contraindicações: Pessoas com úlceras gastrointestinais, grávidas e lactantes, crianças pequenas e pacientes com hipotireoidismo.

Cultivo: Pode se reproduzir facilmente através de estacas. É necessário no mínimo 4 horas de sol diárias e não suporta frio intenso e geadas.



Figura 1 - Capuchinha

Beldroegão (*Talinum paniculatum*)

Outros nomes populares: Caruru, erva-gorda, maria-gorda, bredo, major-gomes, bênção-de-deus.

Partes utilizadas: Folhas, caules e flores.

Sabor: Levemente azedo e picante, lembra espinafre e agrião.

Uso e modo de preparo: Folhas e caules utilizados em cozidos e em recheio de receitas salgadas. Pode ser consumida in natura em saladas e suco verde. Pode-se fazer chá através da infusão das folhas.

Propriedades medicinais e nutrição: Possui mais ferro que o espinafre, vitaminas A, B e C, fonte de ômega 3, cálcio e rica em potássio, que combate o aumento da pressão arterial. Propriedades anti-inflamatórias, analgésica, diurética, laxativa (contra vermes), estanca o sangue de hemorragias gengivais e reduz o colesterol.

Contraindicações: Não deve ser usada na gravidez e em pessoas com problemas digestivos e hipertensão.

Cultivo: Reprodução através de sementes. A planta tolera período de seca e solos pobres em nutrientes.



Figura 2 - Beldroegão

Peixinho-da-Horta (*Stachys lanata*)

Outros nomes populares: Lambarizinho, orelha-de-lebre.

Partes utilizadas: Folhas.

Sabor: Possui sabor de peixe, que dá o nome popular à planta.

Uso e modo de preparo: Empanar e fritar as folhas por imersão. Pode ser feito o chá das folhas.

Propriedades medicinais e nutrição: O chá pode amenizar os sintomas gripais, contém propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e auxilia o sistema digestivo devido às suas fibras. Contém vitamina K e C.

Contraindicações: Não foram identificadas contra-indicações.

Cultivo: Retirar os brotos com raízes aéreas ou por estaquia. A planta gosta de bastante luminosidade mas não de calor, por isso, é recomendado plantar em meia sombra. Não é recomendado molhar as folhas na rega, somente o substrato.



Figura 3 - Peixinho

Almeirão-roxo (*Lactuca indica*)

Outros nomes populares: Radite-roxo, almeirão-japonês.

Partes utilizadas: Folhas e raízes.

Sabor: Levemente amargo.

Uso e modo de preparo: As raízes podem ser secas e torradas, utilizadas para o preparo de chás. Na Europa, antigamente, o chá da raiz de almeirão-roxo servia como substituto do café. Podem ser comidas cruas ou refogadas em vinagretes, sopas, caldos e até em farofa.

Propriedades medicinais e nutrição: Conhecida por proteger o fígado e auxiliar na digestão, além de ser rica em fibras, ferro, potássio e vitaminas do complexo B e C.

Contra indicações: Possui ação abortiva. Não indicado para gestantes e mulheres com fluxo menstrual intenso. Araruta

Cultivo: Plantio através de muda ou semeadura direta. A planta necessita de, no mínimo, 4 horas de sol diárias.



Figura 4- Almeirão-roxo

Araruta (*Maranta arundinacea*)

Outros nomes populares: Raruta; maranta

Partes utilizadas: Raíz

Sabor: Semelhante à mandioca

Uso e modo de preparo: Essa raiz é coletada assim que as folhas da planta estiverem secas. Ela é consumida cozida e em receitas, assim como as batatas. A raiz pode ser usada, também, em forma de farinha para receitas como bolos, pães, biscoitos, entre outros.

Propriedades medicinais e nutrientes: Fonte de energia devido ao seu amido e contém nutrientes como cálcio, ferro, potássio e vitaminas do complexo B.

Contra indicações: Não foram identificadas contra-indicações.

Cultivo: Pode-se fazer mudas através dos pedaços do rizoma. Prefere solos mais arenosos e clima quente e úmido.



Figura 5- Araruta

Trilha FUNGI no Distrito Federal

Em Brasília, o biólogo Fabio Neves promove a *Trilha Fungi*, projeto iniciado em 2020, que é uma verdadeira “caça aos cogumelos”, onde os participantes são convidados a identificar macrofungos na paisagem do cerrado brasileiro.

A Trilha Fungi acontece nos meses chuvosos, normalmente de novembro a fevereiro, já que a maior parte dos macrofungos depende da alta umidade para “frutificar”. Dentre as espécies vistas no Parque Olhos D’água e no Jardim Botânico de Brasília, destacam-se os fungos comestíveis não convencionais (FANCs) como o cogumelo Galinha-da-Mata (*Laetiporus gilbertsonii*), *Macrocybe praegrans*, o *Champignon* do Brasil (*Agaricus brasiliensis*), o shimeji marrom (*Pleurotus* sp.) e o Cogumelo Yanomami (*Favolus brasiliensis*), que são nutritivos e saborosos.

A coleta e o consumo de cogumelos silvestres é um hábito comum em mais de 85 países. A trilha FUNGI apresenta conhecimentos básicos de micologia, como por exemplo, a identificação das partes que compõem os macrofungos, que é bastante importante para entender quais são comestíveis e quais podem ser tóxicos.

É possível identificar, também, através da Trilha Fungi, os fungos utilizados na medicina tradicional chinesa, como o cogumelo *Reishi* (*Ganoderma lucidum*) de aparência escultural, usado em forma de tintura como antiinflamatório e até na prevenção de alguns tipos de câncer. E o cogumelo *Turkey Tail* (*Trametes versicolor*) de onde se extrai a sua tintura que ajuda no fortalecimento do sistema imunológico (Gaeddert, 1998).



Figura 6 - *Pleurotus* sp.
Fonte: Trilha Fungi, 2023.



Figura 7 - Cogumelo Yanomami
Fonte: Trilha Fungi, 2023.



Figura 8 - Cogumelo Reishi
Fonte: Trilha Fungi, 2023.

Referências

- BEZERRA, Renato. Beldroega: o que é, para que serve e como cultivar. **Diário do Nordeste**, Ceará, 28 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/estilo-de-vida/meio-ambiente/beldroega-o-que-e-para-que-serve-e-como-cultivar-1.3164223>>.
- BOA, E. R. **Wild edible fungi: a global overview of their use and importance to people, food and agriculture organizations**, FAO, Roma, n. 17, 2004.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Manual de hortaliças não-convencionais** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: Mapa/ACS, 2010.
- CHOUHARY, Madhu; DEVI, Ritu; DATTA, Ashim; KUMAR, Arvind; S JAT, Hanuman. **Diversity of Wild Edible Mushrooms in Indian Subcontinent and Its Neighboring Countries**. v.1, p. 69-75, 2015.
- COSTA, Camilla. Como cogumelos descobertos por Yanomamis estão conquistando chefs renomados. **BBC Brasil**, São Paulo, 3 de fev. de 2018.
- GAEDDERT, Andrew. **Healing Digestive Disorders: Natural Treatments for Gastrointestinal Conditions**, 4.ed., PMPH-USA Limited, 1998.
- GOMES, Marlene. Agronegócio: Consumo e produção de cogumelos crescem no Brasil. **Correio Braziliense**, 29 de jan. de 2018.
- JACOB, Michelle Medeiros. Biodiversidade de plantas alimentícias não convencionais em uma horta comunitária com fins educativos. **DEMETER: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 15, p. 44037, 2020.
- LIBERATO, Pricila; LIMA, Danielly Vasconcelos Travassos; SILVA, Geuba Maria Bernardo. PANCs-Plantas alimentícias não convencionais e seus benefícios nutricionais. **Environmental Smoke**, v. 2, n. 2, p. 102-111, 2019.
- NOGUEIRA, Brenda et al. Uso da araruta na segurança alimentar e nutricional de comunidades assentadas em Porto Seguro, BA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.
- PLITT, Laura. Por que só consumimos 0,06% das plantas comestíveis do planeta?. **BBC Brasil**, 11 de ago. de 2015. Disponível em: < [.](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150811_plantas_consumo_fn#:~:text=O%20fato%20%C3%A9%20que%20das,consumimos%20apenas%20cerca%20de%202000.>></p><p>Relógio Medicinal: Capuchinha. Instituto Federal Catarinense, Camboriú, 14 de set. de 2023. Disponível em: <<a href=)
- TERRA, Simone Braga; FERREIRA, Bruna Pereira. Conhecimento de plantas alimentícias não convencionais em assentamentos rurais. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 15, n. 2, p. 221-228, 2020.

● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA



Beatriz
Berçott

GRAFITE, O QUÊ É?

TOYS e sua intervenção além das paredes.

O grafite é uma forma de expressão artística que se desenvolveu nas ruas, e que posteriormente, ganhou reconhecimento como uma forma legítima de arte contemporânea. Originado nos movimentos de contracultura nas décadas de 1960 e 1970, surgiu como uma manifestação visual que muitas vezes desafiava as normas sociais e políticas, proporcionando uma voz aos marginalizados, e uma plataforma para a expressão pessoal e coletiva.

Por apresentar um processo cultural, o grafite tem sido objeto de estudo em diversas áreas, dentre elas as artes, evidentemente, a história, a sociologia e a antropologia, a psicologia, a arquitetura e urbanismo, dentre outras, quase sempre sobre o viés de sua relação com o espaço urbano.

Para alguns estudiosos o grafite desafia a autoridade e a estética tradicionais das cidades, muitas vezes transformando espaços públicos em locais de debate e contestação, como traz *Lachlan MacDowall*(1) em seu artigo "Graffiti and Urban Space" (Grafite e Espaço Urbano), e em "Instafame: Graffiti and street art in the Instagram era" (Grafite e Street Art na Era do Instagram), quando relata o quanto o grafite reflete e comunica, sobretudo com suas imagens e símbolos os significados culturais e sociais, como também é definido no estudo da arte em plena era digital. zzzz

E apesar de muitas vezes ser marginalizado e criminalizado, um fenômeno cultural multifacetado, o grafite tem conquistado cada vez mais reconhecimento como uma forma de arte legítima. Museus, galerias e instituições culturais têm exibido trabalhos de artistas de grafite renomados, como Banksy(2). A maior curiosidade? Ninguém sabe quem ele é!

Sendo o grafite um processo que precisa do palco urbano como lugar de expressão social, política, cultural e artística, como entender sua existência numa cidade como Brasília, que aparentemente possui muitos espaços que são "telas em branco" para a arte, e ao mesmo tempo, quase todos edifícios públicos?

Figura 01: Girl with balloon - Banksy
2002 em Londres
Fonte: <https://www.cnews.fr>



1. O *Lachlan MacDowall* leciona no programa de Estudos de Tela e Cultura na Escola de Cultura e Comunicação, Faculdade de Artes, Universidade de Melbourne. Ele publicou amplamente sobre a relação entre arte, tecnologia e ambientes urbanos, especialmente em relação ao grafite e à arte de rua. Seu trabalho mais recente examina a plataforma digital Instagram e sua relação com a criatividade pública e o público de museus.
2. Banksy é um artista de rua, grafiteiro, ativista político e cineasta inglês (britânico), com trabalhos encontrados na cidade de Bristol, em Londres, feitos com estêncil. Uma de suas obras mais conhecidas é a silhueta da menina que deixa o balão vermelho voar.

Para a pesquisadora Renata Almendra (Universidade de Brasília - UnB), o grafite é uma manifestação artística vibrante encontrada nas ruas, muros e viadutos das metrópoles, mas que em Brasília revela conotação própria quando ocupa os espaços públicos, impondo uma dinâmica singular para sua expressão. A acadêmica explorou a pesquisa em locais do Plano Piloto, incluindo as emblemáticas “tesourinhas”, diversos viadutos, passagens subterrâneas e a Via W3, onde a arte do grafite reinterpreta e requalifica esses espaços através de uma ocupação cheia de criatividade e significado. Almendra (ano) definiu em seu trabalho os pontos onde, em Brasília, percebe-se o grafite apontando.

A pesquisadora Angelina Quaglia explica que isso ocorre porque a capital possui características espaciais muito diferentes das observadas nas cidades convencionais, demonstrando em sua palestra “Brasília é museu a céu aberto” (2019), que nas áreas onde a capital federal é melhor reconhecida no Brasil e no mundo como espaço de governo, no Eixo Monumental, não se vê grafite, apesar dos edifícios brancos e chamativos, “porque o espaço amplo inibi os grafiteiros e pixadores”. Entretanto, na porção que encontra-se na parte de trás dos ministérios, na via secundária, e no arrimo que está logo abaixo da Catedral, o grafite acontece com nas cidades convencionais. E demonstra que nos “espaços como a cúpula do Museu Nacional, o Congresso Nacional, a catedral ou na frente dos ministérios, por exemplo, não se vê esse tipo de arte, que é transgressora por natureza. Ela vai acontecer na Rodoviária, no setor Comercial, dentro do Conic, e em espaços como os viadutos que seguem da via L2Sul para os setores Bancário e Comercial”.

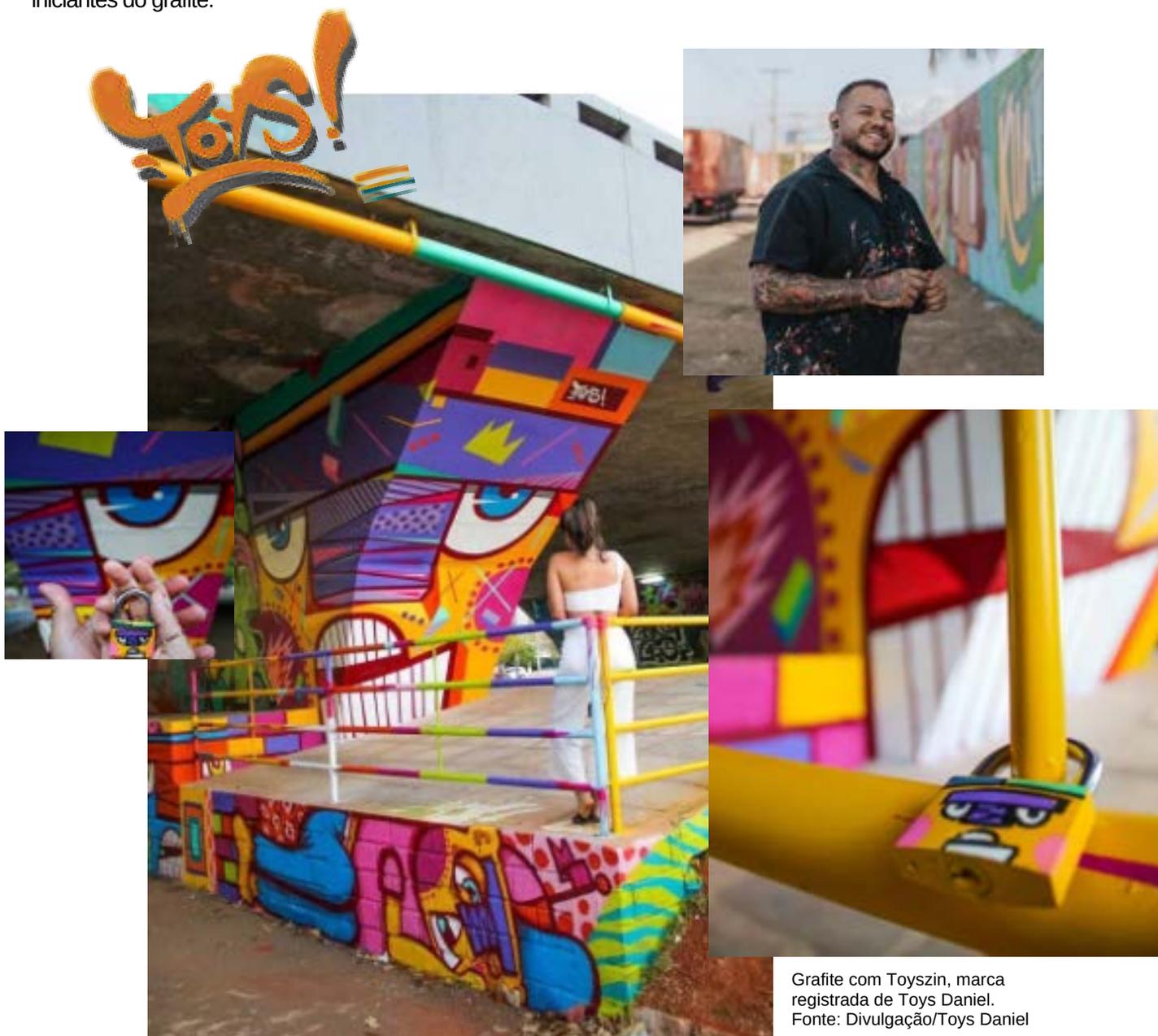


Em Brasília existem pontos específicos onde o grafite acontece, e que vem se tornando cada vez mais expoentes e importantes para a popularização da arte de rua. Almendra afirma que em especial na W3 SUL, as casas, as fachadas de lojas e empenas cegas de edificações - aquela parte sem janelas e portas, lateral as construções entre blocos comerciais -, são os espaços onde podemos ver uma série de grafites, transformando essa parte da cidade numa galeria a céu aberto. O fato é que a cidade de Brasília, que logo mais comemora seus 64 anos, recebe uma série de obras de grafite desde o centro até pequenas áreas de entrequadras, onde pode-se observar uma leva desta arte de rua.

E quem faz parte dessa produção artística dentro das áreas onde há a possibilidade? Quem achar que deve! O grafite é uma arte livre, tendo nas ruas a galeria que exporá essa arte permissiva e crítica!

Em Brasília, uma cidade repleta de talentos artísticos, destaca-se um nome em particular, Daniel Moraes, ou, para todos nós amantes do grafite, Daniel Toys. O artista foi o escolhido para esta edição, porque, dentre outras tantas pinturas, criou um grafite no viaduto da Galeria dos Estados que merece atenção especial. Inspirado na icônica *Pont des Arts*, em Paris, apelidada de "Ponte dos Cadeados", o grafiteiro transportou a essência romântica do lugar, e produziu uma intervenção urbana inovadora, criando um espaço onde os visitantes podem expressar seu amor e compromisso ao prenderem "cadeados do amor" no local, numa homenagem à famosa tradição parisiense.

Daniel Toys é um artista brasileiro de renome internacional, celebrado por suas contribuições únicas à arte urbana. Com uma carreira que se estende por mais de 18 anos, se destaca principalmente por sua criação, o boneco Toys, presença constante e colorida nas ruas de Brasília. A inspiração para os traços distintivos do personagem vem da própria capital federal, refletindo a arquitetura modernista da cidade com suas formas geométricas marcantes, uma característica que Daniel habilmente incorpora em sua arte. E seu nome, TOYS, tem a ver com o nome dado aos iniciantes do grafite.



Grafite com Toyszin, marca registrada de Toys Daniel.
Fonte: Divulgação/Toys Daniel

Conforme mencionado anteriormente, o grafite evoluiu de expressões artísticas urbanas para conquistar seu espaço em galerias e interiores de edifícios, transcendendo as fronteiras tradicionais da arte. Esta transição é exemplificada brilhantemente pela obra de Daniel na coleção "Fragmentos de uma ToysLand", exposta na Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) durante a exposição "Brasília em Sonhos". Essa coleção é composta por 16 peças, cada uma medindo 30x30cm, que juntas criam um mosaico vibrante de cores e formas, refletindo a rica "apeçaria cultural" e a imaginação sem limites que o grafite permite explorar.



Exposição: Brasília em Sonhos.
Coleção: fragmentos de uma ToysLand
Obras unitárias em 30x30cm
Fonte: Instagram de [toysdaniel](#)

“Daniel Morais Toys, é um sonhador, e hoje está onde sempre sonhou. Ele guarda, inclusive uma tatuagem em sua cabeça com a palavra * SONHOS! Esta escolha simbólica serve como devem ser as tatuagens, é um lembrete perpétuo para ele e para todos ao seu redor sobre persistir em seus sonhos. Segundo o próprio artista, sua maior aspiração é inspirar as pessoas a acreditarem nos próprios sonhos, um testemunho poderoso de sua jornada e da mensagem que deseja espalhar pelo mundo.

Referências

- ALMENDRA, Renata. O grafite na cidade modernista. Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade. UNICAMP. Campinas. SP. 2018
- MACDOWAL, Lachlan. Instafame. Graffiti and Street Art in the Instagram Era. Intellect Discovers. Intellect. London. 2019
- QUAGLIA, Angelina Nardelli. “Brasília é museu a céu aberto”. Palestra ministrada para a Escola de Governo do GDF. 2019



● ARQUITETURA E PERCEPÇÃO

João
Diniz**PROCRASTINATIVIDADE**
ou: Sobre a arte de (não) fazer

A 'Mañana Empiezo' foi uma conhecida confeitaria de Buenos Aires, sempre lotada por consumidores de guloseimas que, conforme o curioso nome indica, provavelmente empurravam para o dia seguinte a iniciativa de uma desejada dieta. Estes fregueses, como várias outras pessoas, costumavam não ser propriamente ágeis em questões que exigem algum esforço físico. Parece que eles, em tal momento decisivo, não tinham muita cabeça para o seu corpo.

Amanhã começo...

O tema de deixar para depois o que se pode fazer logo, ou a procrastinação, é antigo na história da humanidade e até alguns gênios são conhecidos por praticá-la. Este foi o caso de Leonardo da Vinci, conforme narrado em sua biografia escrita por Walter Isaacson, que descreve os inúmeros projetos abandonados ou tardiamente executados por ele em longuíssimos prazos.

Sabe-se que um terço de seus trabalhos se perderam no tempo, e que talvez, um outro terço das obras encomendadas, ele tenha desistido de realizar ou as adiado indefinidamente. Isto nos leva a crer que seu incrível legado se deve apenas à terça parte do que poderia ter sido.

Desculpas não faltam aos que não querem fazer algo necessário. A preguiça, reconhecida por muitos como um pecado capital, flerta com a insistência em se permanecer em constante apatia, e alguns chegam até a celebrar esta inércia como uma virtude libertária, não valorizando a sensação oposta da missão cumprida, ou do alívio por ter terminado alguma tarefa a si atribuída.

Macunaíma, o herói sem caráter, personagem do livro de mesmo nome concebido por Mário de Andrade e, para muitos, espelho de um certo caráter brasileiro, costumava dizer: "Às vezes me dá uma vontade danada de trabalhar, aí eu fico quietinho, até essa vontade passar..." Talvez o próprio personagem achasse injusto tomar sua declaração, ainda que literária, como definidora da disposição nacional, uma vez que a própria existência do romance e do país em que a narrativa acontece, são, ambos, fruto de um enorme trabalho.

O professor costumava exemplificar o tema aos seus alunos, tentando demovê-los da falta de iniciativa, narrando a estória do pesquisador que para concluir determinado trabalho dizia ser conveniente 10 viagens internacionais, a tradução de 15 livros e a entrevista com 12 pessoas indisponíveis. Como sabia ser impossível a realização imediata de todas estas exigências, e ele não queria por isto ficar imóvel, conseguiu cumprir eficientemente a tarefa com os conhecimentos e recursos próprios, já adquiridos e disponíveis no momento.

A frase escrita nos muros da revoltosa Paris de 1968 que dizia “Sejamos realistas e exijamos o impossível”, parece se rebelar contra o imobilismo que emudece as pessoas. E o dito “Sem saber que era impossível, foi lá e fez”, atribuído ao artista francês Jean Cocteau, sugere que ações aparentemente difíceis podem até ampliar a capacidade de quem as realiza.

O compositor TomZé oferece uma boa saída àqueles que se julgam incapazes de fazer o que querem, citando seu próprio exemplo: “O que me salvou foi descobrir, ainda bem cedo, que eu era ruim demais, aí fiz toda minha obra baseada nisso!”. Assumindo seus limites ele executa muito bem sua missão, sabendo que esta é a única forma possível de fazê-lo.

Também o arquiteto Jayme Lerner contribuiu com este debate, de forma inversa, ao dizer: “Há coisas que têm uma urgência enorme de não serem feitas”. Seu dito critica o excesso de ações desnecessárias e até predadoras de um tipo incansável de laboriosos fazedores hiperativos. Decerto, como grande urbanista que foi, ele se referia a obras urbanas faraônicas e rodoviaristas focadas somente nas facilidades de circulação dos veículos particulares.

Mas é o poeta Paulo Leminski que coloca a questão de forma menos grave quando anuncia o lema “Distraídos venceremos”, propondo que as lutas de cada um podem até ser encaradas com pequeno esforço e algum prazer.

O autor deste texto em horas de considerações sobre o fazer e o não fazer imediato, costuma variar entre adotar a sabedoria ativa de sua mãe que sugeria: “Mais vale acender uma vela do que clamar na escuridão”; ou acomodar-se no aforismo relaxado de Millor Fernandes que diferentemente propõe:

“NÃO DEIXE PARA AMANHÃ O QUE PODE DEIXAR HOJE...”



João Diniz além de suas atividades como arquiteto em seu escritório de projetos ou como professor universitário dedica-se à escrita de livros sobre sua de arquitetura, poesia e prosa. Publicou na área da arquitetura os livros 'João Diniz Arquiteturas' (2002), 'Depoimento: Circuito Atelier' (2007), 'Steel Life: arquiteturas em aço' (2010); e na área da poesia 'Ábaco' (2011), 'Aforismos Experimentais' (2014), 'O Livro das Linhas' (2020) e 'Futurografia' (2021); além de outras edições experimentais, livros de artista ou sob demanda.

CONEXÕES URBANAS



Lucas
Pontes

Sobre a beleza das pequenas coisas

Fotografia por Lucas Pontes

Tudo começa ao observar os pequenos detalhes, quando você percebe que tudo aquilo que ama tem suas qualidades e defeitos. É muito difícil que mesmo de longe, ao regressar, tudo seja igual. Brasília me proporciona isso, todos os olhares são diferentes, porque a cidade também é outra, minhas vivências são outras, minha cultura é outra, mas tem uma coisa que não muda, o meu amor pela cidade! Cada curva das obras de Niemeyer, cada tesourinha, cada eixo, cada vitral da catedral. É incrível ter comigo minha câmera e poder observar cada detalhe de cada interação com cada espaço urbano, porque a capital federal é verdadeiramente única em todo o mundo.

Brasília, a cidade que me acolhe e me desafia a cada retorno. Quando estou longe, nos confins de outras paisagens e horizontes, é como se uma parte de mim ficasse suspensa no tempo, aguardando ansiosamente o momento de retornar e reconectar-me com cada detalhe, cada nuance que compõe essa urbe tão singular.

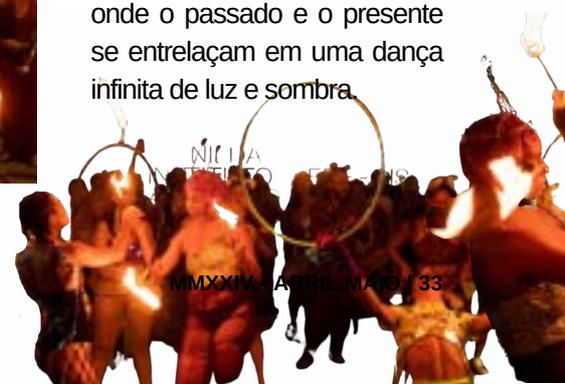
Ao percorrer suas avenidas amplas e geométricas, é impossível não se deixar envolver pela grandiosidade das obras de Oscar Niemeyer. Cada curva, cada ângulo, cada edifício é um convite à contemplação e à reflexão sobre a harmonia entre forma e

função. E as tesourinhas, tão características, parecem dançar ao ritmo dos carros que as atravessam, como se fossem o pulsar do coração da cidade.

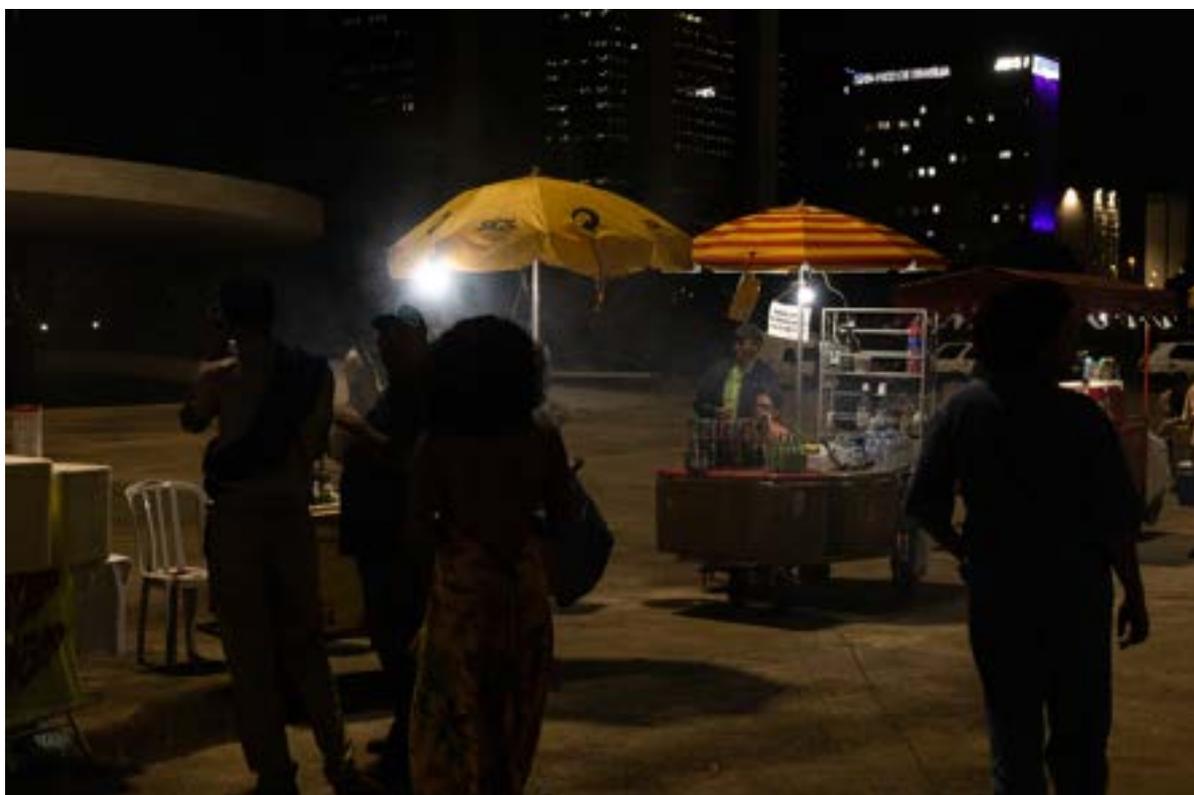
Mas é nos detalhes que encontro minha verdadeira paixão. Com minha câmera em mãos, sou como um caçador de instantes, capturando a essência de Brasília em cada clique. Os vitrais da catedral refletem a luz de maneira mágica, criando padrões de cores que parecem dançar sob a abóbada celeste. E os grafites nos muros da cidade, expressões efêmeras da cultura urbana, contam histórias silenciosas que só quem observa com atenção é capaz de decifrar.

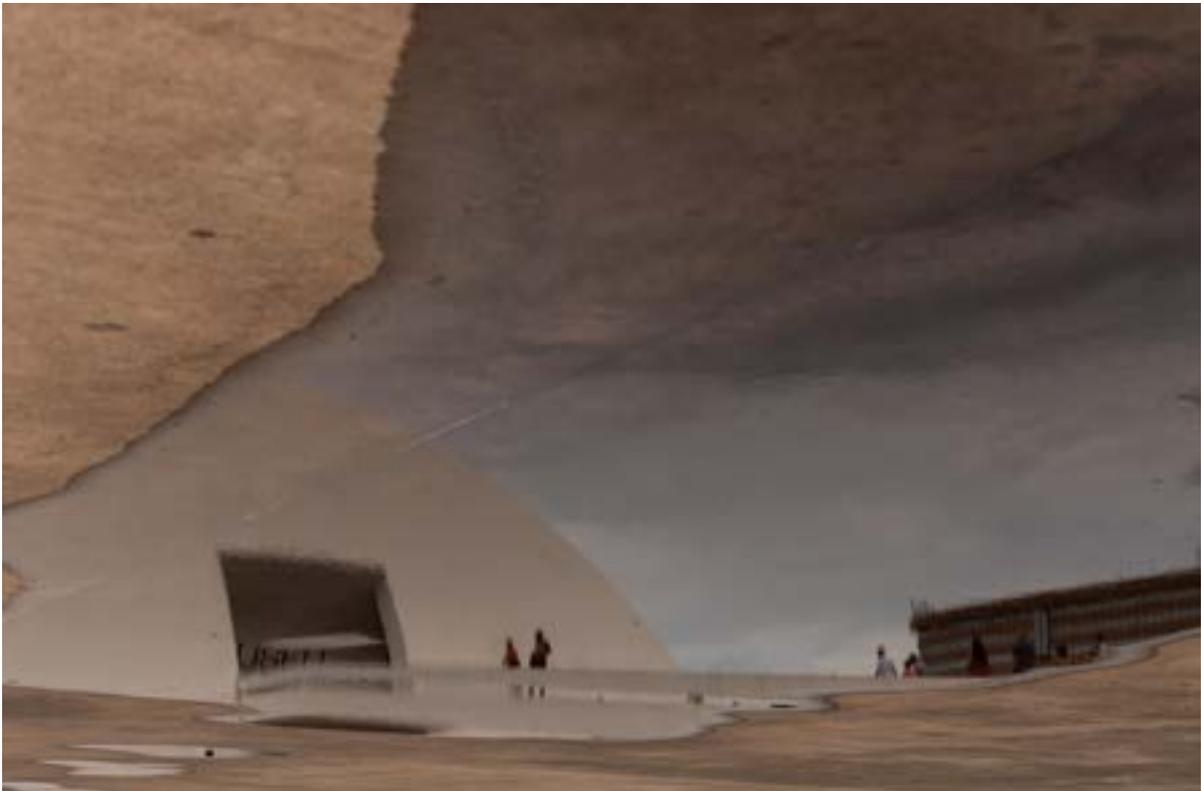


Brasília é um verdadeiro playground para os amantes da fotografia urbana. Cada esquina, cada praça, cada monumento é uma oportunidade única de explorar novas perspectivas e narrativas visuais. E assim, a cada clique, reafirmo meu amor por essa cidade que se reinventa a cada olhar, a cada disparo da minha câmera. Pois, no final das contas, Brasília é muito mais do que uma simples capital, é um universo de possibilidades, onde o passado e o presente se entrelaçam em uma dança infinita de luz e sombra.











Mariana
Almada

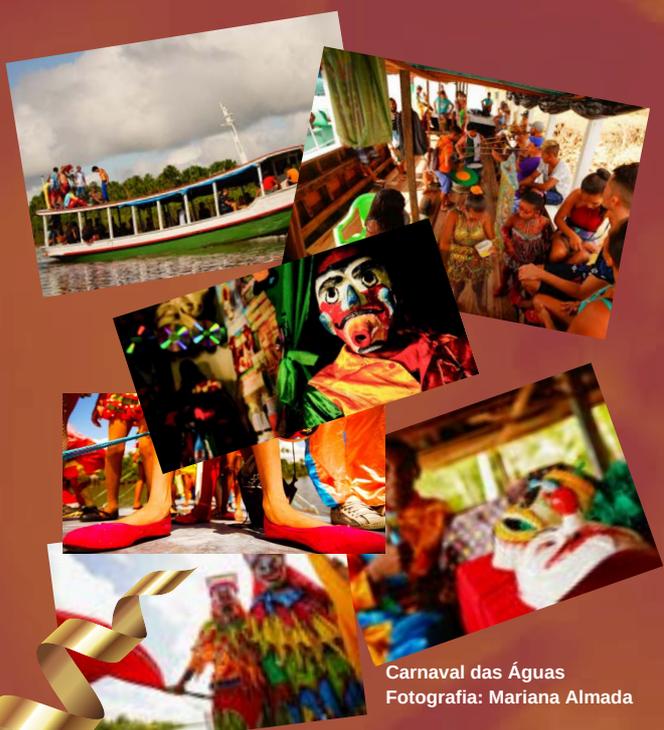
CARNAVAL DAS ÁGUAS

● ● ● "As águas vão rolar..." Deixe rolar porque agora vamos mergulhar. Pensemos: você brinca ou pula carnaval? Tem saudades dos velhos bailes de carnaval? E das Marchinhas, lembra-se? Se suas respostas foram "sim" mergulhem nas águas do carnaval de Cametá, município do Pará, e caso tenham sido "não" mergulhem também, vou contar aqui a experiência desse carnaval que tivemos, eu e a fotógrafa Jô Gonçalves, em uma de nossas expedições fotográficas.

Imagine o carro alegórico: um barco, recorramos aos compositores Marinósio Trigueiros para animar o bloco 'aquacarnavalesco', justamente porque, se dirigir não beba, nesse contexto, a música vai para o timoneiro - guia do barco: "Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água não, cachaça vem do alambique e água vem do ribeirão". Os foliões: ribeirinhos que moram às margens do rio Tocantins; a passarela? As águas. E para darmos início ao carnaval lá vamos nós acompanhados por Chiquinha Gonzaga: "ô abre alas que eu quero passar, peço licença pra poder desabafar..." Para começar a folia, os grupos vão reunindo-se fantasiados em seus trapiches. A casa do coordenador principal é onde as pessoas encontram-se para criar suas fantasias, é, portanto, dali que começam as marchinhas em busca dos foliões que ficam à espera do barco carnavalesco. E nessa folia o barco é a casa, o rio, movimento, e a família, os foliões, e com essas apropriações evoquemos então Paquito e Romeu Gentil porque "daqui não saio, daqui ninguém me tira, onde é que eu vou morar? O senhor tem paciência de esperar! Inda mais com quatro filhos onde é que vou parar?"

São músicos e seus instrumentos com marchinhas antigas, refrões simples e ritmos acelerados, para dançarem ali os mascarados, bailarinas, palhaços e todas as pessoas que desejam somar-se a esse instante, permito-me dizer que as pessoas fantasiam-se de alegria e a alegria fantasia-se de pessoas, sendo ela o mais elevado grau do carnaval. E o barco flutua ao som da composição de Antônio Almeida e Oldemar Magalhães: "Se canoa não virar olê, olê, olá. Eu chego lá. Rema, rema, rema remador..."

Mergulhados nessa festa colorida e rica de simbolismos, entendemos que, para além desse movimento, em qualquer tempo, vale ressaltar a importância histórico-cultural para a população de Cametá, devido a relevância que tem o carnaval nesse município mais antigo do norte do país. Ali movimentam-se corações e foliões num só passo e numa só voz para que permaneça viva a memória carnavalesca.



Carnaval das Águas
Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: João Gonçalves



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Fotografia: Mariana Almada



Notas da editora:

1. Sugerimos que conheçam mais sobre os belíssimos trabalhos de Mariana Almada, e deleitem-se com tanta profundidade e beleza, pelos links que seguem:

<http://www.olhares.com/MarianaAlmada>

<http://www.flickr.com/photos/116894713@N07/>

<http://marianaalmada-janelasdaalma.blogspot.com>

<http://www.fotografodigital.com.br/trabalho-usuario/recentes-23739-1/>



FOTOGRAFIA DA CAPA DA REVISTA 15.47
DE FEVEREIRO, QUE NÃO SAIU...
A BELEZA DOS CARNAVAIS
e a fotografia de Mariana Almada



Da
Redação

"Fevereiro virou março, março virou abril, e o rumo do carnaval seguiu, feliz, mas ficou, em nossos corações(...)"

O carnaval ficou. Frevo de Angelina Nardelli

O Carnaval é um dos eventos mais grandiosos e significativos do nosso país, representando um componente essencial da nossa identidade cultural. Mais do que uma festividade, ele é um ritual nacional capaz de transcender as barreiras sociais, unindo pessoas de diferentes classes em uma celebração plural e coletiva de alegria, repleta de simbologias, além de ser Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro.

Em caráter de esclarecimento é importante explicar que sendo o carnaval um Bem Imaterial, este encontra-se no bloco - um trocadilho -, das práticas, dos saberes, dos ofícios e modos de fazer. Essa classificação de bens culturais abarca as celebrações; as formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e os lugares com representatividade cultural, tendo como exemplos os mercados, feiras e locais considerados como santuários de práticas culturais coletivas. É fundamental ressaltar que a Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, ampliou o conceito de patrimônio cultural para abranger tanto os bens materiais quanto os imateriais, reconhecendo, assim, a riqueza e a diversidade das expressões culturais do país (dito pelo IPHAN, e pelos nossos especialistas em Patrimônio Cultural, e em Carnaval).

Ainda há muito o que ser dito sobre o Carnaval, tanto a nível de Patrimônio Cultural, quanto como experiência diversificada num país tão grande. Porém, vamos falar da foto da capa da revista de fevereiro, que não saiu, mas que ficou em nossos corações, com fotografia de autora de Mariana Almada.

Pulsantes e cheias de vida, assim são as fotografias capturadas pelas lentes de Mariana Almada, que, com maestria, confere ainda mais profundidade e luminosidade a vida cotidiana e suas celebração. Fotógrafa, artista visual, teóloga e psicanalista, Mariana é especialista em Arte, educação e tecnologia, e em saúde mental, o que certamente confere sensibilidade e boa técnica na percepção das pessoas e do dia-a-dia de suas vidas, refletidos em belas imagens como esta da capa e da reportagem desse mês na coluna OLHARES, escrita por ela, podem mostrar. Não deixe de ler, e ver, Mariana Almada.



"(...) São músicos e seus instrumentos com marchinhas antigas, refrões simples e ritmos acelerados, para dançarem ali os mascarados, bailarinas, palhaços e todas as pessoas que desejam somar-se a esse instante, permito-me dizer que as pessoas fantasiavam-se de alegria e a alegria fantasiava-se de pessoas, sendo ela o mais elevado grau do carnaval. (...)"

Fotografia da capa
Título do conjunto de fotos: Carnaval das águas.
Fotógrafa: Maria Almada





Fotografia: Mariana Almada
Adaptação: Angelina Nardelli



Fabiana
Bitar
Resende

● PATRIMÔNIO E HISTÓRICA
CORRESPONDENTE INTERNACIONAL

CORPOS DE GLITTER, CORPOS PROIBIDOS

Espaços públicos são, e sempre foram, um excelente meio de estudar e refletir a sociedade e sua história. As ruas por onde indivíduos passam, ou permanecem, podem revelar muito sobre formatos sociais e condutas de pertencimento de corpos diversos na cidade, mostrando como estes, ocupando o mesmo espaço, são percebidos de forma distintas.

As ruas por onde indivíduos passam, ou permanecem, podem revelar muito sobre formatos sociais e condutas de pertencimento de corpos diversos na cidade, mostrando como estes, ocupando o mesmo espaço, são percebidos de forma distintas.

Durante parte do início do ano, instrumentos são tirados do canto do quarto, glitters e roupas coloridas são expostas nas vitrines das lojas, ruas são fechadas e as pessoas saem de suas casas para comemorar o Carnaval. Durante o feriado, a cidade fica rodeada de diversos bloquinhos e indivíduos vestidos de diversas formas e cores.

Todavia, a sensação de liberdade e expressão vivida por corpos subalternizados durante os dias do Carnaval e a sensação de que a cidade e a rua são de todos é mascarada por a realidade vivida pelos mesmos durante o resto do ano: A ideia de que seus corpos não tem acesso à determinado espaço ou não são bem vindos.

Essa exclusão simbólica e física se reforça quando vemos LGBTQIAP+, Pessoas racializadas e periféricas tendo que se contentar em ocupar espaços precários para que possam se sentir pertencentes e libertos, colocando, muitas vezes, a vida de pessoas em risco e podendo, apenas, se sentir seguros para, por exemplo, andar de mãos dadas em uma entrecruza do Plano Piloto quando essa está coberta pela pluralidade de pessoas e a realidade carnavalesca.

O que faz de um espaço hostil para corpos subalternizados um espaço pertencente é a ocupação planejada e arquitetada desses espaços, afinal, as ruas durante parte do mês de fevereiro e janeiro se tornam mais seguras e plurais justamente pelo fato de que a união organizada de indivíduos acontece de tal forma que, a quantidade supera os riscos, de forma que as proibições de acesso à espaços percam a influencia do meio.

O Carnaval não é apenas uma festa, é a lembrança de como uma ocupação de forma plural e planejada pode ser efetiva e que a de que indivíduos marginalizados tem total capacidade de tornar qualquer parte da cidade um espaço acolhedor 365 dias do ano

terial a imaterial, de estatal a social, étnico e comunitário. Esse então, passa agora, a englobar as noções de cultura, identidade e memória (NORA, 1984, pp. 6-34). Portanto, é cada vez maior o retorno aos atores sociais quando se fala em patrimônio cultural.

● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA



Beatriz
Berçott

Fuá do Seu Estrelo Um Patrimônio Cultural de Brasília



Grupo cultural de manifestação artística de Brasília, criador de brincadeira com elementos do Cerrado, vira patrimônio!

Em 12 de março deste ano, Brasília ganhou seu primeiro patrimônio imaterial brasileiro. Isso porque o Fuá do Seu Estrelo foi aprovado para o registro no Livro de Formas de Expressão, e consta como o mais novo Bem de Natureza Imaterial do Distrito Federal. A aprovação aconteceu por unanimidade pelos conselheiros do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Distrito Federal (CONDEPAC-DF), um órgão colegiado deliberativo, consultivo, fiscalizador e normativo, com composição paritária entre a sociedade civil e do Poder Público, com vínculo à Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SECEC).

A reunião (chamada de conselho pleno), para a decisão sobre o Registro do Fuá do Seu Estrelo no Livro de Expressões aconteceu em clima de festa, onde foi feita a leitura do texto para aprovação pelo conselheiro e relator do processo, Rodrigo Ramassote (CONDEPAC e funcionário do IPHAN), que poeticamente apresentou o grupo e sua história. O relator também solicitou o Registro no Livro dos Lugares, porém, ficou decidido pelos conselheiros pelo desmembramento do pedido, tendo em vista que será votado posteriormente, segundo afirmou o subsecretário Felipe Ramon.

É importante explicar que os Bens Imateriais são aqueles que representam as práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; de lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliaram a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

O subsecretário de cultura explicou que a decisão de desmembramento do pedido do Fuá do Seu Estrelo aconteceu por parte dos conselheiros da sociedade civil e do Poder Público, e afirmou: “Esse desmembramento tem o objetivo de trazer maior segurança jurídica, evitando a possibilidade de questionamentos sobre o Registro no Livro de Expressões, e, posteriormente, no Livro de Registros de Lugares.

O Capitão do Grupo, Tico Magalhães, fez questão de manter o clima de festa, mesmo com o desmembramento do pedido (registro no Livro de Expressões e de lugar). Após o término da votação, o grupo que estava presente com seus instrumentos e figuras fez uma belíssima apresentação, que consta em registro de imagem. O reconhecimento do Fuá do Seu Estrelo permite, segundo Tico, que a manutenção do grupo como Patrimônio Cultural continue, e enfatiza que o reconhecimento amplia o olhar para as expressões culturais e as valoriza.

Fotografias: Raissa Azeredo e Bruno Jungmann.



Para a vice-presidente do CONDEPAC, Angelina Quaglia, professora e arquiteta coordenadora de projeto de ação patrimonial, a aprovação do Bem e seu registro são fundamentais, mesmo com o desmembramento dos pedidos na votação.

“A solicitação de inscrição de um Bem Imaterial é feita após análise de um dossiê que possibilita conhecer e certificar a importância cultural desse Patrimônio como representação de um tempo, uma forma de saber e fazer, ou de um lugar. O registro no Livro dos Lugares implica no reconhecimento da ocupação daquele território como o lugar do fazer e do encontro de um grupo social. No caso do Fuá, será interessante por se tratar de terreno ocupado de forma espontânea, numa cidade onde tudo é destinado dentro de um zoneamento modernista.”

A vice-presidente do conselho explicou que o grupo, com 1/3 do tempo de existência da cidade de Brasília (que completa 64 anos), mesmo tão novo pôde solicitar o registro como modo de expressão por causa da sua representatividade. Porém, ressaltou que “para que seja registrado como lugar é preciso um aprofundamento na avaliação, tendo em vista que o local de expressão encontra-se hoje dentro de uma área ocupada ilegalmente, e que cresce o número de novos moradores a cada dia. Aprovar o registro do lugar reforça a permanência do grupo, porém, juridicamente, poderia parecer uma estratégia de permanência posteriormente questionada. É preciso receber um estudo mais aprofundado e completo como é solicitado para a aprovação dos bens no Distrito Federal”.

No Distrito Federal existem outros Bens Culturais Imateriais, sendo eles: (I) Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro – ARUC (Decreto nº 30.132/2009); (II) Bumba Meu Boi do Seu Teodoro (Decreto nº 24.797/2004); (III) Clube do Choro de Brasília (Decreto nº 28.995/2008); (IV) Festa do Divino Espírito Santo de Planaltina (Decreto nº 34.370/2013); (V) Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (Decreto nº 27.930/2007); (VI) Ideário Pedagógico de Anísio Teixeira (Decreto nº 28.093/2007); (VII) Via Sacra ao vivo de Planaltina (Decreto nº 28.870/2008); (IX) Praça dos Orixás e Festa de Iemanjá (Decreto nº 39.586/2018).

Ainda existem muitos outros bens a serem registrados ou tombados (no caso dos Bens Materiais), aqui no Distrito Federal. Para que aconteça é preciso que haja uma solicitação por parte da população, ou por parte do Secretário de Cultura. Para tanto deve ser entregue um requerimento acompanhado de documentações e informações sobre o bem, tal como um dossiê com a descrição do bem proposto, localização, informações históricas, dentre outros, de acordo com a Portaria nº 79/2015-SEC (DODF nº 192, de 05/10/2015).

Brasília é uma cidade nova, porém, possui inúmeros bens patrimoniais, fora que o sítio urbano de Brasília é inscrito na UNESCO como o único modernista do mundo, além de ser tombado em instância distrital e Federal.

Fotografias: Raissa Azeredo e Bruno Jungmann.

Fotografias: Raissa Azeredo e Bruno Jungmann.



● **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL BSB**
NOVAS NOTÍCIAS

OS COMPARSAS

Show especial com a renda revertida para o Projeto Educação Patrimonial BsB (E.P.BsB).

E.P.BsB

**Noite de Blues,
Jazz, Rock & Soul.**

No dia 30 de março, na véspera da Páscoa, o projeto Educação Patrimonial BsB (E.P.BsB) recebeu um presente especial da banda Os Comparsas: um extraordinário show beneficente para arrecadação de fundos. O objetivo foi apoiar o projeto e permitir que ainda mais alunos sejam beneficiados em 2024, aumentando a oferta de livros e gibis da Turma do Patrimônio nas escolas do Distrito Federal.

A banda Os Comparsas é formada pelos músicos e amigos de longa data: Haroldinho Mattos (guitarra e voz), Daniel Baker (teclados), Oswaldo Amorim (contrabaixo e voz) e Renato Glória (bateria), e possuem uma carreira de sucesso com diversos shows realizados tanto no Brasil quanto no exterior. Conhecidos por sua versatilidade, eles navegam com maestria pelo jazz, rock, pop e soul music, demonstrando talento em vários estilos musicais.

Os músicos receberam das mãos da Fundadora e Diretora do projeto Educação Patrimonial de BsB, Angelina Nardelli, após breve discurso inicial de agradecimento, com foco a importância da manutenção do Patrimônio Cultural, a Menção Honrosa de Amigos do Patrimônio.

A casa estava cheia numa animada noite com muito Blues, Jazz, Rock & Soul. Entre as músicas do show estavam "Blues Motel", de Celso Blues Boy(1984), "While My Guitar Gently Weeps" (composta por George Harrison e tocada pelosr The Beatles - 1968), além de John Altenburgh, Michael Williams, Jonathan Ferr, dentre outros. A banda finalizou o show com a icônica 'Born To be Wild' (Easy Rider, 1969) por Steppenwolf.

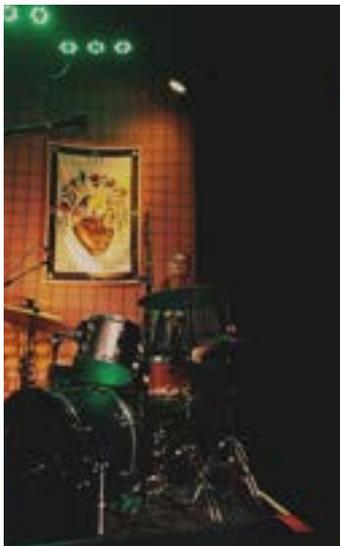
Com o salão em sua lotação máxima, a INFUNU Comunidade Criativa, localizada na 506Sul, também doou o valor dos ingressos para o E.P.BsB, tornando-se a primeira casas de shows a receber a nomeação "Casa de shows honorária ao apoio ao Patrimônio Cultural", inaugurando uma nova premiação para eventos e parcerias com o projeto.

Agradecemos imensamente OS COMPARSAS, a INFUNU, e todos os amigos e fãs desta banda maravilhosa, que por lá estiveram a fim de apreciar a boa música e ajudar o projeto E.P.BsB, possibilitando que levemos ainda mais ações de Educação Patrimonial para as escolas no Distrito Federal.

Agora é seguir a banda! Nos vemos no próximo show!

Imagem: Flyer promocional INFUNU/Os Comparsa para o show beneficente para o E.P.BsB.





Imagens (de cima para baixo, da esquerda para a direita): Banda OS COMPARÇAS, o público da casa; Renato Glória (baterista), Oswaldo Amorim (contrabaixo e voz), Haroldinho Mattos (guitarra e voz), Daniel Baker (teclados); performando no paco do INFINO.

Fotografia: Angelina Nardelli



HISTÓRIA.

PATRIMÔNIO.

GASTRONOMIA.

TURISMO.





Paulo E. C.
Parucker

● PURA HISTÓRIA
CONVIDADO ESPECIAL

UM PASSEIO DIFERENTE:
LUGARES DE MEMÓRIA E DITADURA EM BRASÍLIA.

Um despretenso passeio por áreas conhecidas de Brasília, como o Setor Bancário Sul (SBS), contíguo à Rodoviária do Plano Piloto, na área central da cidade, ou o Setor Militar Urbano (SMU), a cerca de 11 km dali, pode nos trazer fortes emoções. (SMU), pode nos trazer fortes emoções.

Talvez cause algum impacto saber que, durante o chamado regime militar (1964 - 1985), em um auditório no antigo 'Edifício BNDE' (SBS, Quadra 1, Bloco J, Lote 30, CEP 70076-900), aconteciam reservadas sessões de filmes para servidores da Censura Federal, com vistas à proibição ou liberação das obras para exibição pública¹.

Impacto maior, provavelmente, deve causar a informação de que esse mesmo prédio (outrora compartilhado entre o então denominado Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico – BNDE, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA e o órgão que, à época, denominava-se Superintendência Regional do Departamento de Polícia Federal no Distrito Federal – SR/DPF/DF) abrigou espaços de detenção e de prática sistemática de tortura. Alguém que por lá esteve em agosto de 1968, o economista Cláudio Antônio de Almeida, então um jovem estudante universitário, nos conta:

Ali também funcionava o IPEA, órgão do Ministério do Planejamento, onde trabalhavam alguns ex-alunos da UnB, que me viram algemado e conduzido para uma cadeia localizada no subsolo daquele banco de fomento. Essa cadeia ainda existe na garagem do banco. Lá já estavam alguns alunos da Universidade, alguns bastante machucados. Mas não permaneci ali por muito tempo, sendo levado a um elevador e conduzido a um dos andares do prédio. Fui colocado contra uma parede, de onde já se via muito sangue no chão. E os policiais se regozijavam, dizendo que olhasse para o chão para ver o que eu deveria esperar. O tratamento era de total estupidez. Tapas no rosto, chutes, palavrões etc. As meninas eram agredidas, tendo seus corpos manipulados por aqueles animais. (...) Lembro-me de um sujeito muito alto e forte, com um terno branco, aos berros, orientando o que fazer com cada um de nós. Os tapas nos ouvidos, ele mesmo se incumbia de dar. A cada violência daquela, perdíamos por algum tempo a noção do lugar e do tempo. As dores se misturavam com o pavor. Não se distinguia entre homens e mulheres. Éramos todos tratados da mesma forma, com a maior selvageria possível. Lembro-me de algumas meninas chorando, desesperadas e apavoradas, tremendo diante daquele quadro de terror. Dali fui levado para uma cela da cadeia do Exército. Eu já me encontrava muito machucado. Minha cabeça, meu estômago, meu órgão genital, tudo doía.(...)"²

1. Cf. Ana Pompeu, "Mapa da Ditadura em Brasília", Correio Braziliense, 20 e 22/10/2023. A respeito dessa fonte, vale observar que se trata de interessantíssimo conjunto de reportagens publicado pelo jornal entre 20 de outubro e 6 de novembro de 2023, pelo qual Ana Pompeu recebeu menção honrosa no Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Direitos Humanos, edição 2014, onde o tema das memórias da ditadura é trabalhado de forma sensível e criativa, inclusive por meio dos espaços da cidade associados a tais memórias

2. Trecho do impressionante depoimento de Cláudio Almeida à comissão da verdade da UnB, que o reproduz em seu relatório final: Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília (CATMV-UnB), "Relatório, setembro de 2015" (Brasília, FAC-UnB, 2016), p.130. Disponível em <https://www.comissaoverdade.unb.br/relatorio>; acesso em 8/2/2024.

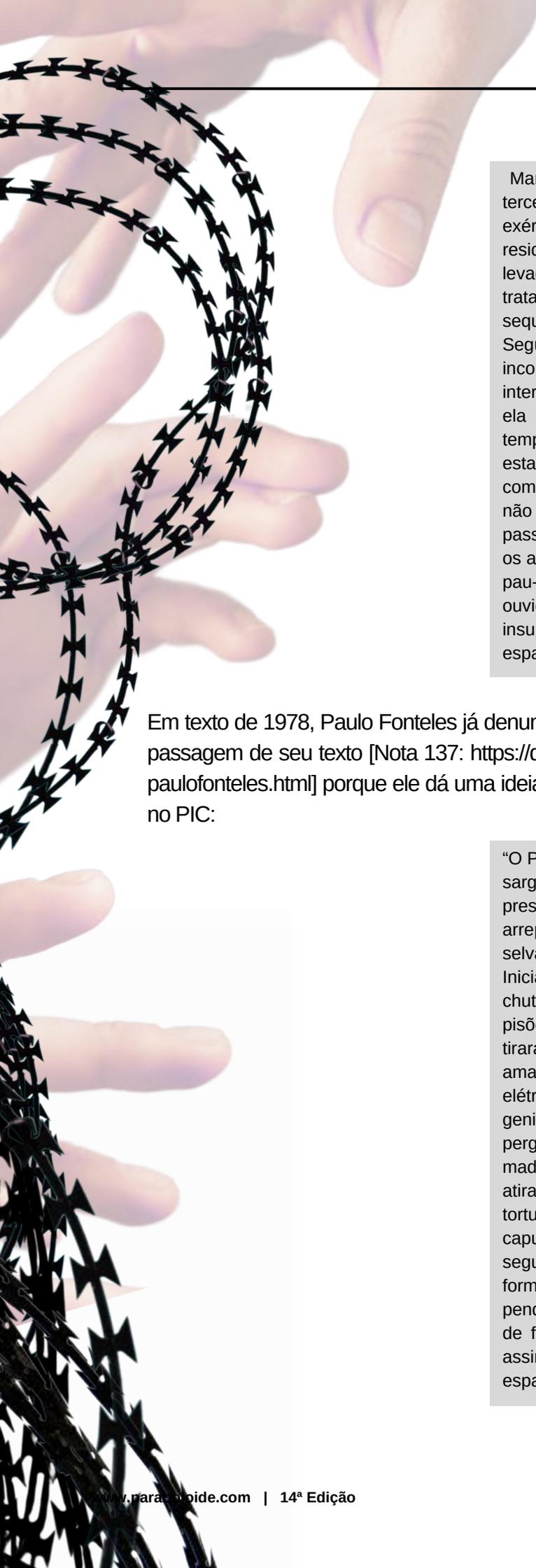
Aproveitando a breve menção a uma instalação militar em Brasília, retomemos nosso despretenso passeio. Rumemos agora para o SMU, bairro recentemente notório por ter abrigado o acampamento de extrema-direita de onde partiram as hordas golpistas que, no dia 8 de janeiro de 2023, atacaram e destruíram as sedes dos 3 Poderes (Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal – STF).

Pois bem, no SMU, precisamente no Batalhão de Polícia do Exército de Brasília – BPEB (Av. Duque de Caxias, s/nº, CEP 70630-100), durante a ditadura, funcionou o “PIC”, sigla do temido Pelotão de Investigações Criminais. Sobre o PIC, tomaremos, para exemplo do tema, trechos do Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília (CATMV-UnB)³ que relatam infames violências sofridas, entre outros, por Maria Nazareth Pereira, Hecilda Mary Veiga Fonteles de Lima e Paulo César Fonteles de Lima:

Quanto às torturas, o jornalista Ari Cunha noticiou no Correio Braziliense a tortura a Hecilda Mary Veiga Fonteles no dia 05 de março de 1972. (...) [Nota 134: [fonte da informação: Arquivo Nacional, documento] “A0456354-1972. SNIG. Ari Cunha.”] (...) nesse documento consta um interrogatório com a Hecilda (...) a 02 de março de 1972, na Sala de Auditoria da 11ª Circunscrição Judiciária Militar. Ali Hecilda declarou que foi detida a 6 de outubro de 1971, quando estava grávida de 5 meses, sendo levada para a Polícia Federal. (...) Da Polícia Federal, Hecilda foi levada ao PIC, onde música era tocada em altíssimo volume, mas mesmo assim se ouviam gritos durante a madrugada. Segundo esse depoimento, Hecilda foi levada ao sótão do PIC, onde ouviu a voz do marido, Paulo Fonteles, na sala ao lado. Na segunda feira, foi levada ao CODI com o marido – onde foi ameaçada e esbofeteada pelo “Dr. Cláudio” – que a ameaçou ainda que a levaria ao Rio de Janeiro, onde ela e Paulo passariam por uma lavagem cerebral. A ameaça foi realizada, e os dois foram para o Rio de Janeiro, para o “laboratório do Dr Claudio”. (...)

Quanto às torturas, o jornalista Ari Cunha noticiou no Correio Braziliense a tortura a Hecilda Mary Veiga Fonteles no dia 05 de março de 1972. (...) [Nota 134: [fonte da informação: Arquivo Nacional, documento] “A0456354-1972. SNIG. Ari Cunha.”] (...) nesse documento consta um interrogatório com a Hecilda (...) a 02 de março de 1972, na Sala de Auditoria da 11ª Circunscrição Judiciária Militar. Ali Hecilda declarou que foi detida a 6 de outubro de 1971, quando estava grávida de 5 meses, sendo levada para a Polícia Federal. (...) Da Polícia Federal, Hecilda foi levada ao PIC, onde música era tocada em altíssimo volume, mas mesmo assim se ouviam gritos durante a madrugada. Segundo esse depoimento, Hecilda foi levada ao sótão do PIC, onde ouviu a voz do marido, Paulo Fonteles, na sala ao lado. Na segunda feira, foi levada ao CODI com o marido – onde foi ameaçada e esbofeteada pelo “Dr. Cláudio” – que a ameaçou ainda que a levaria ao Rio de Janeiro, onde ela e Paulo passariam por uma lavagem cerebral. A ameaça foi realizada, e os dois foram para o Rio de Janeiro, para o “laboratório do Dr Claudio”. (...)

3- Trecho do impressionante depoimento de Cláudio Almeida à comissão da verdade da UnB, que o reproduz em seu relatório final:, p.157-160.



Maria Nazareth Pedrosa relatou que, quando estava grávida do terceiro filho, em agosto de 1971, foi sequestrada por [a]gentes do exército. (...) Nazareth foi capturada [na] Colina [conjunto residencial de professores da UnB], onde morava. Foi, então, levada para o PIC do Batalhão da Polícia do Exército. O tratamento era agressivo e ameaçador, desde a ação de sequestro. Permaneceu incomunicável por uma semana. (...) Segundo Maria Nazareth Pedrosa, a privação de liberdade e a incomunicabilidade em si já eram formas de tortura. Os interrogatórios, em seu caso, foram no próprio PIC. Encapuzada, ela apenas sentia que havia muitas pessoas na sala. Com o tempo, passou a se dar conta que no canto esquerdo da sala estavam as engrenagens usadas para tortura. (...) Ameaçavam-na com barulhos de choque em preparo e beliscões, mas o choque não vinha. (...) num dos interrogatórios, ela entrou na sala e passou a tatear à procura da cadeira, mas a sala estava vazia e os agentes diziam em tom de insulto: “a professora hoje vai para o pau-de-arara”. Em outro dia, os agentes colocaram em seus ouvidos fones de onde vinham gritos de terror, apitos, sons insuportáveis. Havia, ainda, constantes ameaças de espancamentos e insinuações de violência sexual.

Em texto de 1978, Paulo Fonteles já denunciava o PIC como palco de torturas. Citamos aqui uma passagem de seu texto [Nota 137: <https://ditaduraverdadesomitidas.blogspot.com/2011/11/tortura-paulofonteles.html>] porque ele dá uma ideia mais concreta quanto ao tipo de tortura que acontecia no PIC:

“O PIC é o inferno. Nele, conheci logo a “salinha” sala de estar dos sargentos, onde eram promovidas as torturas a todos que eram presos no PIC. Sem que me fizessem uma só pergunta, “só para arrepiar”, na gíria dos torturadores, experimentei na carne toda a selvageria do aparelho de repressão montado desde 1964. Inicialmente um brutal espancamento, murros, telefones, tapas, chutes no estômago, cacetadas nos joelhos e nos cotovelos, pisões nos rins. Depois, apesar de meu esforço para resistir, tiraram-me as roupas, deixando-me completamente nu, amarraram-me no pau-de-arara, e passaram a me aplicar choques elétricos, com descargas de 140 volts, na cabeça, nos órgãos genitais, na língua. Depois de muito tempo é que começaram as perguntas. Como eu não lhes respondia, a “sessão” durou até alta madrugada, quando, já bastante machucado, fui arrastado e atirado dentro de uma cela. (...) Cedo, um destacado elemento da tortura do PIC (...) foi me buscar na cela. Colocou-me um negro capuz e levou-me para a “salinha”. Durante quase três dias seguidos, quase sem interrupções, fui submetido às mais diversas formas de violências físicas que se possa conceber. Nu, pendurado pelos pulsos e tornozelos no pau-de-arara (uma barra de ferro, sobre dois cavaletes, onde o preso fica dependurado, assim como se fosse um porco que vai ao mercado), recebendo espancamentos generalizados, choques elétricos, afogamentos.”

Assim como os locais referidos acima, associados a traumáticas memórias, há vários outros em Brasília. Graves violações de direitos humanos perpetradas pela ditadura e seus agentes, aqui, ocorreram em espaços centrais, como na própria Esplanada dos Ministérios, ou em áreas menos urbanizadas, como as margens do Lago Paranoá.⁴ Esses lugares de memória já foram, por muitos, indicados anteriormente, mas tais informações (e emoções) permanecem ainda distantes do amplo conhecimento público, restritas praticamente ao limitado universo de vítimas e familiares, perpetradores, estudiosos e profissionais vinculados diretamente ao tema.

Memórias subterrâneas, as arrepiantes citações acima iluminam o tempo sombrio que nos tocou como sociedade, tempo de barbárie racionalizada, institucionalizada. Apesar de leitura incômoda, são relevantes e oportunas. As reflexões que se seguem conectam esse tipo peculiar de espaço da cidade e nossa história do tempo presente. Colocam em evidência a forte relação desses espaços (que podem vir a se tornar sítios de consciência⁵) com a ditadura — e a resistência que contra ela se levantou —, passando pelas disputas no campo da memória social (permanentemente em construção), da qual o patrimônio cultural é parte inseparável.

Saber que houve tortura é uma coisa, mas ouvir relatos de vítimas, colocar-se empaticamente em seu lugar, é bem diferente. O conhecimento que daí advém transcende o campo da racionalidade, passando também pelas emoções despertadas. Talvez isso explique o fascínio que os chamados filmes históricos exercem sobre as pessoas comuns. Seja como for, fica clara a importância de se inserir esse espinhoso tema em produções artísticas, de ficção ou não-ficção, como novelas de TV, documentários, minisséries etc., bem como em outras produções culturais (museus, centros de memória, marcas ou marcos de memória espalhados pela cidade, etc). O conhecimento do passado, assim recolocado em pauta e tomado como objeto de debate e reflexão crítica, pode ganhar amplitude e profundidade, colaborando na construção da consciência histórica da sociedade.

A memória de fatos passados, seja ela individual ou coletiva, é fortemente ancorada no presente. O historiador Enzo Traverso, especializado na experiência histórica nazifascista e nos usos que vem sendo feitos desse complexo passado, nos ajuda a entender esse caráter presentista:

Veja-se, a respeito, o inestimável trabalho da Coalizão Internacional de Sítios de Consciência, segundo a qual “Sítio de Consciência é um local de memória – como um sítio histórico, um museu local ou um memorial – que impede que este apagamento [do passado] aconteça, a fim de promover sociedades mais justas e humanas hoje. Os Sítios de Consciência não só proporcionam espaços seguros para recordar e preservar até as memórias mais traumáticas, como também permitem aos seus visitantes estabelecer ligações entre o passado e questões contemporâneas relacionadas com os direitos humanos.” (Disponível em <https://www.sitesofconscience.org/about-us/about-us-2/>. Acesso em 7/2/2024)⁶

4 - Ver, por exemplo, Ana Pompeu, op.cit., edição dos dias 21/10, 23/10 e 06/11/2013. Ver também Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília (CATMV-UnB), op.cit., p.254-256.

5- Veja-se, a respeito, o inestimável trabalho da Coalizão Internacional de Sítios de Consciência, segundo a qual “Sítio de Consciência é um local de memória – como um sítio histórico, um museu local ou um memorial – que impede que este apagamento [do passado] aconteça, a fim de promover sociedades mais justas e humanas hoje. Os Sítios de Consciência não só proporcionam espaços seguros para recordar e preservar até as memórias mais traumáticas, como também permitem aos seus visitantes estabelecer ligações entre o passado e questões contemporâneas relacionadas com os direitos humanos.” (Disponível em <https://www.sitesofconscience.org/about-us/about-us-2/>. Acesso em 7/2/2024)

6- Enzo Traverso, O passado, modos de usar: história, memória e política. 3ª ed. Lisboa, Livraria Tigre de Papel, 2020. p.24-35.

No ocaso da ditadura militar, o processo de transição para o regime civil foi conduzido essencialmente pelos próprios artífices do regime, a ponto de Sarney, líder do partido da situação na época da ditadura, ter sido entronizado como governante na dita Nova República. A transição não foi um processo de mão única, mas complexo e soluçante, sofrendo inegável influência dos movimentos de oposição e da contestação popular, com o esboroamento dos apoios ao governo militar ante o desastre do projeto impingido *manu militari* desde 1964. Acomodando tensões e contradições em nome da governabilidade, o novo regime não logrou enfrentar os crimes do regime anterior de modo peremptório.

A mim parece que o presente tem sido pródigo em recados elaborados a partir desse passado recente: deixar de punir as formas mais agudas e violentas de perseguição política perpetradas pelos agentes da ditadura avalizou o apoio atual de parcela expressiva da população a soluções autoritárias.

Para um acerto de contas com o passado, importa destacar o caráter sistemático das graves violações de direitos humanos na ditadura, nos termos do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade – CNV:

O período histórico a que se refere o mandato conferido à Comissão Nacional da Verdade (CNV), o período da ditadura militar instalada em 1964, esteve associado a um quadro de violações massivas e sistemáticas de direitos humanos, em que os opositores políticos do regime – e todos aqueles que de alguma forma eram percebidos por este como seus inimigos – foram perseguidos de diferentes maneiras.⁷

As múltiplas formas de violência (sexual, física, psicológica, institucional), censura, espionagem, fraude processual, sequestros, prisões ilegais, homicídios, ocultação de cadáver etc.), objeto do extenso trabalho apuratório da CNV, têm sido constatadas e detalhadas por uma miríade de comissões da verdade setoriais (estaduais, municipais, sindicais, universitárias etc). Os trabalhos da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos – CEMDP e da Comissão de Anistia – CA (hoje no Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania – MDHC), por sua vez, reforçam os aspectos de estabelecimento da verdade, memorialização e reparação às vítimas.⁸ A própria Corte Interamericana de Direitos Humanos – CIDH tem reiterado essa compreensão do caráter massivo e sistemático das graves violações de direitos humanos pela ditadura, especialmente nos casos julgados em 2010 (Caso Gomes Lund e Outros - Guerrilha do Araguaia) e 2018 (Caso Herzog).⁹

Ante tal realidade, a misturar um passado que não passa e um presente que, apesar de tantas iniciativas memoriais, parece em constante amnésia, trata-se de ressaltar a urgência e necessidade dos aportes da chamada Justiça de Transição. Esse conceito refere-se a um campo de atividades e pesquisas relativamente recente, debruçado sobre o modo como as distintas sociedades lidam com abusos sistemáticos de direitos humanos, atrocidades massivas e outras formas de trauma social severo, incluindo guerras civis e genocídio, com vistas à construção de um futuro mais democrático, justo, pacífico; para tanto, trata-se de enfrentar grandes desafios, tais como o estabelecimento da verdade sobre o passado e a memorialização, a responsabilização judicial dos perpetradores das graves violações, a adoção de políticas de reparação (material e simbólica) das vítimas e, por fim mas não menos importante, a transformação das estruturas para a não-repetição.¹⁰

7- Cf. Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório. Brasília: CNV, 2014. Vol. 1, p. 278. A CNV foi criada pela Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011.

8- CEMDP: criada pela Lei nº 9.140, de 4 de dezembro de 1995. CA: criada pela Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002.

9- As sentenças da CIDH referentes aos casos em tela estão disponíveis em https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf e https://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_353_por.pdf, respectivamente (acesso em 9/2/2024).

10- Livre tradução de excertos do verbete Transitional Justice, em The Encyclopedia of Genocide and Crimes Against Humanity, Macmillan Reference USA, 2004, vol.3, pp.1045-1047.

Uma das tarefas necessárias para fazermos frente ao indesejado quadro de desmemória e impunidade é justamente a marcação de espaços de memória, para favorecer o processo de preservação, divulgação e discussão em torno de fatos sensíveis do passado. Não há originalidade na tarefa: já existem numerosas iniciativas, como a “Plataforma Caminhos da Ditadura em Porto Alegre”, a “Cartografia da Ditadura em Fortaleza”, o Memorial da Resistência de São Paulo e o “Aplicativo #SP64”, o “Projeto Ditadura em Curitiba”, a “Plataforma Cartografias da Ditadura no Rio de Janeiro”; os “*Sítios y Espacios de Memoria de Argentina*”, a “Coalizão Internacional de Sítios de Consciência” e outras.¹¹ É estimulante a notícia de que o Governo Federal, por meio do MDHC, prepara uma série de atividades memorialísticas para o transcurso dos 60 anos do golpe civil-militar de 1964.¹²

No caso dos lugares de memória, particularmente, importa preservar e divulgar recordações silenciadas pela narrativa oficial durante muitos anos, uma “memória fraca”, no sentido de não advir de forças políticas e sociais majoritárias. Uma militância contra-hegemônica aguerrida, isoladamente ou mediante o trabalho em sindicatos, coletivos, associações, comitês e outros espaços de ação política, tem-se feito escutar.

Inclusive do ponto de vista do patrimônio cultural, importa promover conexões passado/presente — o “8 de Janeiro [de 2023]” não foi um raio em céu azul, isto é, há um processo político-social, histórico, em que esse evento se insere. Urge pautar o debate na sociedade, mediante as iniciativas que estiverem à mão; o trabalho com a cartografia da memória pode ser um instrumento útil e eficiente.

Ecoando a pergunta, singela mas potente, das historiadoras Karlla Pereira e Paula Franco, de importante presença nas discussões em torno da dimensão de disputa política pela memória no país, cabe a interpelação: “qual o lugar que a ditadura militar brasileira ocupará na nossa história?”¹³

11- Veja-se: <https://www.ufrgs.br/caminhosdaditaduraemportoalegre/>; <https://aparecidospoliticos.com.br/2020/03/cartografia-da-ditadura-em-fortaleza/>; <https://memorialdaresistencia.org.br/>; Aplicativo “#SP64”: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ionicframework.sp64949831&pcampaignid=web_share; <https://ditaduraemcuritiba.com.br/>; https://www.facebook.com/cartografiasdaditadura/about?locale=pt_BR; <https://www.comisionporlamemoria.org/sitiosdememoria/sitios-y-espacios-de-memoria-de-argentina/>; <https://www.sitesofconscience.org/>. (Acesso aos links: 7/2/2024).

12- Cf. Evandro Éboli, No coração dos centros de tortura. Correio Braziliense, 15/1/2024.

13- Paula Franco e Karlla Pereira. Olinto Ferraz, comissão da verdade e o lugar da ditadura na nossa história. História da Ditadura, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/olintoferrazcomissaoдавerdadeeeolugardaditurananossa.historia>. (Acesso em 10/2/2024)





Angelina
Nardelli
Quaglia

● GASTRO CITIES



ALIMENTAR VIDAS INTEIRAS COM A MEMÓRIA DAS PESSOAS. ISSO TAMBÉM É PATRIMÔNIO CULTURAL

O ato de se alimentar vai além do nutrir nossos corpos. Por meio do que comemos é gerada uma das mais profundas conexões entre as pessoas e os lugares. Alimentar-se é uma transformação imensa, uma ação enriquecedora, é a compreensão do lugar habitado, um “marco no espaço tempo” (RAMPIM, 2023, p. 38), que nos faz pertencentes a algo maior. Comer é um ato primário e histórico, e passa a ser uma questão cultural a partir do momento em que carrega consigo fatores sociais que determinam, inclusive, os “patrimônios gustativos” que geram lastros para toda a humanidade.

Por sua vez, o local de preparo de cada alimento e a forma de prepará-los, - nem sempre numa cozinha como determinamos quase todos nós -, precisa ser considerado como uma rica fonte histórica, guardando saberes de todos os tempos, por muitas vezes, passados de geração em geração. São fogos de chão, fogueiras, fogões e latas, todos esses lugares que cozinham grande parte das memórias que possuímos todos da raça humana. Quem não se recorda de uma avó cortando algo, de uma mãe fazendo algum preparo na cozinha, ou de um pai cozinhando uma receita inusitada?

Alimentar-se é memória. E ainda é assim, mesmo quando, infelizmente, o que toma o lugar do alimento é a fome. Basta lembrarmos do triste depoimento de Mercedes Sosa¹, quando descreve sua memória gastronômica sobre a falta de alimentos, quando canta “(..) *Las manos de mi madre, Parecen pájaros en el aire, Historias de cocina, Entre sus alas heridas de hambre(..)*”. A memória gastronômica segue dois rumos, sempre. Ou tornar-se-á memória afetiva, trazendo processos amorosos e prazerosos, ou memória de dor sobre a perda ou experiência constrangedora sobre o alimentar-se. Basta lembrarmos em contraponto o momento em que o crítico de arte come uma deliciosos *ratatouille* e volta no tempo, recordando da comida de sua mãe.

Nós brasileiros temos uma sorte enorme, porque além dos povos originários, que nos renderam uma série de contribuições gastronômicas, também os povos que nos colonizaram e nos complementaram, tendo entre eles europeus, asiáticos e negros, estes últimos, de maneira forçada pelo sequestro que sofreram. Entretanto, perceber com clareza que somos a mescla cultural de todos estes grupos, quando se trata das receitas que nos envolvem, alguns patrimônios nossos, é tão urgente e importante quanto entender os processos que tangem o Patrimônio Cultural e a memória.

1. Mercedes Sosa, ou La Negra, foi uma cantora Argentina, e contou sobre a experiência que sofreu com a fome, e outras histórias belíssimas na biografia escrita pela dinamarquesa Anette Christensen, publicada originalmente em inglês, com tradução em português feita por Mariana D'Angelo.



Por sermos um país continental, muitas vezes a mesma receita ganha nomes diferente, ou nomes são dados para receitas que me nada se parecem, como é o caso da receita do Pé de Moleque, que em muitos lugares é feito com amendoim, menos da casa da cocó Bila.

PÉ DE MOLEQUE DA VOVÓ BILA

Esta iguaria gastronômica possui nomes diversos, em pelo menos três lugares no Brasil, porém, vou me ater a este nome, em homenagem a uma avó que suscitou na neta a vontade de não deixar morrer a receita que a faz lembrar de casa, “O Pé de Moleque da Vovó Bila”.

A receita foi retirada, uma memória oral, foi retirada do Instagram da modelo Mikaela Gomes, uma brasileira, e humorista amadora (porque é engraçadíssima narrando a vida como ninguém), que entende sobre a necessidade em passar para frente, a suas futuras gerações, a receita da avó, para que não se perca. Uma salvaguarda de memória afetiva, uma comida afetiva, e um amor familiar que representa nosso país!.

Tenho certeza que um dia esse Pé de Moleque diferente dos que que vem com amendoim, vai virar um Bem Imaterial como modo de fazer, igual a feijoadá! Querem apostar?

Segue a receita:

- 500 gramas de coco ralado batidas no liquidificador, coado, porque vamos usar apenas o leite do coco. E vejam, vale testar fazer esse leite de coco em casa. Porque não?
- 4 claras de ovo batidas em neve
- Quando em neve, coloque as quatro gemas
- Coloque num bowl (ou cumbuca) a farinha de mandioca. São 2kg dela;
- Coloque os ovos na massa e misture bem, até o ponto onde tudo esteja muito bem misturadinho;
- Acrescente uma 6 colheres bem cheias de margarina;
- Misture o leite de coco feito em casa nessa massa;
- Corte folhas de bananeira e coloque para assar sobre uma chapa de metal (não teste no forno).

Imagens: Extraídas por Angelina Quaglia, do vídeo sobre o pé de moleque da vovó Bila
Fonte: Instagram de @mikaelagomess



Bibliografia:

CHRISTENSEN, Anette. Mercedes Sosa - Uma Lenda: Um tributo à vida de uma das maiores artistas da América Latina. Tradução. Mariana D'Angelo. Editora Tektime 2020.
CERTEAU, Michel de. The practice of everyday life. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
IPHAN. Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
RAMPIM, Juliana. A invisibilidade do patrimônio: perspectivas a partir da alimentação. Revista15.47. pp.38-45, Brasília, Distrito Federal. 2023.





Angelina
Nardelli
Quaglia

● O NOBRE CAFÉ
COM A PALARA, ~~O BARISTA~~



"DIA MUNDIAL DO CAFÉ" ?

Sobre comemorações, mudanças climáticas e tradição

O Dia Mundial do Café é uma celebração global que reconhece a importância deste grão como um dos mais importantes produzidos no mundo, e vai além, trazendo para a comemoração a importância socioeconômica de sua produção.

Mesmo compreendendo que todos os dias sejam “o dia do café”, o dia 1º de outubro foi determinado pela Organização Internacional do Café (OIC), para a comemoração não apenas da bebida preferida em todo o mundo, mas também com o intuito de homenagear todos os envolvidos na cadeia produtiva do café, desde os agricultores que cultivam os grãos até os consumidores que desfrutam da bebida. Cabe ressaltar que a celebração serve não apenas para apreciar o café em suas diversas formas e preparos, mas também para aumentar a conscientização sobre as questões de sustentabilidade e equidade dentro da indústria cafeeira. Para tanto são promovidos eventos, ofertas especiais em cafeterias, degustações e até mesmo campanhas de conscientização sobre a importância de práticas de cultivo e comércio justo que apoiam os pequenos agricultores e suas comunidades.

É preciso explicar a essa altura do texto que várias nações e comunidades têm suas próprias datas específicas para celebrar o café, refletindo sua paixão e tradição únicas relacionadas a essa bebida, como por exemplo o dia 14 de abril como o Dia Mundial do Café (OIC, 2015). No Brasil, por exemplo, o Dia Nacional do Café é comemorado em 24 de maio, uma data que marca o início da colheita em algumas das principais regiões cafeeiras do país. A data foi estabelecida em 2005 pela Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC).

Mais do que uma simples bebida; ele carrega consigo histórias, tradições, e tem um impacto significativo nas economias locais e global. Celebrar o Dia Mundial do Café é uma maneira de reconhecer tudo isso e de se conectar, mesmo que simbolicamente, com as milhões de pessoas para quem o café é uma parte vital de suas vidas e culturas.

SAFRAS DE CAFÉ, MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SOLUÇÕES PLAUSÍVEIS

O café e sua safra obedecem, como tudo na agricultura, às questões do clima, que, como é sabido, vem apresentando variações drásticas nos últimos anos. Não foi diferente para a safra de café de 2023, que apresentou seus altos e baixos, influenciada por uma combinação de fatores climáticos, econômicos e geopolíticos. O Brasil, como o maior produtor de café do mundo, teve um papel central nessa história, mas outros países produtores também tiveram suas próprias narrativas.

Para nós, aqui no Brasil, após uma temporada de seca severa e geadas (em especial nos anos anteriores), algumas regiões produtoras de café experimentaram uma recuperação em termos de clima, o que foi

benéfico. No entanto, a irregularidade das chuvas ainda representou desafios em certas regiões, impactando a quantidade e qualidade da safra (CONAB, 2024). Não diferente da Colômbia, país reconhecido mundialmente por seus grãos de qualidade, que enfrentou desafios climáticos próprios, incluindo chuvas mais intensas que o normal em algumas áreas pontuais, o que afetou a produção e a qualidade do café.

Por outro lado, na África Oriental, países como Etiópia e o Quênia, conhecidos por seus cafés de alta qualidade, tiveram condições climáticas relativamente favoráveis, o que ajudou na produção, embora os desafios logísticos e econômicos tenham impactado a exportação, em especial se pegarmos como referência artigos apresentado na Specialty Coffee Association (SCA) e a International Coffee Organization (ICO), onde lê-se sobre a repercussão das produções e novo estados da arte.

Como resposta às mudanças climáticas percebe-se o impacto econômico e de mercado, a partir de preços voláteis, sentidos por nós consumidores no momento em que compramos o grão em seu ponto final, o de consumo. O mercado de café em 2023 foi marcado por volatilidade nos preços, influenciado por fatores como o clima nos países produtores, a demanda global e questões geopolíticas. O preço do café teve momentos de alta, motivados por preocupações com a oferta, mas também houve períodos de retração.

Para os produtores, os custos de produção continuaram a ser uma preocupação, pois inevitavelmente foram afetados pelo aumento dos preços de insumos, como foi o caso dos fertilizantes, além de custos logísticos elevados. Isso impactou a rentabilidade para os cafeicultores, especialmente os de menor escala (CONAB, 2024).

Tendo em vista que o mundo está mudando, num momento em que estamos em emergência climática, o que resta? Resta ao mercado as inovações, a tecnologia, e os processos que tornam mais sustentáveis as produções. Em resposta aos desafios, muitos produtores de café buscaram adotar novas tecnologias, e isso incluiu desde sistemas de irrigação mais eficientes até o uso de drones para monitoramento das lavouras. Além do que, houve um aumento no interesse e na adoção de práticas agrícolas mais sustentáveis, tanto para mitigar os impactos das mudanças climáticas quanto para atender à demanda dos consumidores por produtos mais ecológicos e éticos.

E A QUESTÃO SOCIAL, COMO FICA?

A questão social reflete-se em desafios quase intransponíveis para pequenos produtores. Estes, por sua vez, continuam enfrentando dificuldades desde o acesso a mercados justos até a capacidade de investir em melhorias na produção e sustentabilidade. Iniciativas globais e locais buscaram oferecer melhor suporte a esses produtores, com propagandas que permitem que o mercado perceba a necessidade em comprar de produtores locais, fazendo com que o processo de produção sustentável ocorra como cadeia sustentável. Como foi relatado pela OCI, a safra de café de 2023 foi oi uma história de resiliência e de adaptação diante de desafios contínuos, mas também uma época de inovação e progresso em direção a uma produção mais sustentável e equitativa, porém, apenas para os grandes produtores.

Cabe lembrar que a produção de café no Brasil, em sua maioria o tipo arábica, é uma parte significativa da economia do país e tem uma longa história. O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café, e o produto é cultivado em diversas regiões do país, com destaque para o estado de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Bahia. Historicamente a produção de café no país remonta ao século XVIII, quando as primeiras plantações foram estabelecidas na região norte do país. No entanto, foi no século XIX, principalmente após a abolição da escravidão, que a produção de café brasileira se expandiu rapidamente, impulsionada pela imigração europeia e pela mão de obra assalariada.

As pinturas que apresentam o café no Brasil são uma fascinante janela para a história, cultura e sociedade brasileira, refletindo a importância crucial dessa commodity para o país. Desde o século XIX, quando o café começou a dominar a economia brasileira, tornando-se o principal produto de exportação, artistas capturaram diversos aspectos relacionados ao café, desde as plantações até o cotidiano dos trabalhadores e a sofisticação dos ambientes urbanos que o consumo do café ajudou a moldar.

Vários artistas destacaram-se por suas representações do universo do café, dentre eles *Jean-Baptiste Debret*, *Johann Moritz Rugendas*, *Candido Portinari* e *Quirino Campofiorito*, pintores a quem particularmente tenho grande apreço.

É inegável que uma das formas mais vívidas de compreender um país estrangeiro é através da observação de seus costumes. *Jean-Baptiste Debret* e *Johann Moritz Rugendas*, dois notáveis pintores viajantes do século XIX, exemplificaram essa abordagem ao retratar de maneira magnífica a vida e a paisagem do Brasil, inclusive as imponentes fazendas de café. Suas obras não apenas capturam a estética única da época, mas também servem como preciosos registros históricos, documentando as condições de trabalho, a arquitetura das fazendas e a vastidão da paisagem rural brasileira.

Debret, que era pintor, desenhista e professor francês, havia sido enviado ao Brasil por *Napoleão Bonaparte* como membro da Missão Artística Francesa, e nos conduz por uma viagem no tempo ao retratar os usos e costumes do Rio de Janeiro do século XIX, imergindo-nos no cenário histórico da época. Duas de suas obras em particular, "Comboio de café rumo à cidade" e "Café Torrado", ambas datadas de 1826, destacam a representação vívida do ciclo do "ouro verde", como era conhecido o café, que compunha parte da espinha dorsal da economia brasileira do período. Mesmo que a produção de obras sobre o cotidiano no país não fosse o seu objetivo final, mas sim o do ensino da arte, o pintor produziu uma série de obras que documentaram a sociedade, a cultura, os costumes e os aspectos cotidianos da vida no Brasil colonial. Seus trabalhos se tornaram importantes registros históricos e antropológicos, além de serem apreciados por sua qualidade artística. E "tudo assenta, pois, neste país, no escravo negro", como observou *Debret*.

Em sua obra "Café torrado" estão claramente refletidos os aspectos sociais e econômicos, bem como a permissão da percepção do urbano no período, sobre a implicação do comércio de café, o crescimento das cidades e a popularização dos cafés enquanto espaços de socialização.



Comboio de café rumo à cidade (1826)



Café Torrado (1826)

Para Candido Portinari, um dos mais renomados artistas brasileiros, o café é mais do que uma simples inspiração artística; é um tema profundamente enraizado em sua vivência familiar e suas percepções sobre a região onde cresceu, no interior do Estado de São Paulo. Suas obras são testemunhos vívidos dessa ligação, com destaque para séries como "Os Retirantes"(1944), "O Lavrador de Café" (xxxx) e "Café" (1935). Nessas pinturas, ele retrata não apenas a árdua labuta nos cafezais e a pobreza dos trabalhadores rurais, mas também a resiliência e a beleza do povo brasileiro. A arte de Portinari transcende o mero esteticismo, incorporando um profundo compromisso social e político, com estilo enraizado no modernismo, um veículo poderoso para expressar as realidades sociais e culturais do Brasil.

Entre suas obras-primas, além das citadas, está "Guerra e Paz" (1956), um conjunto monumental de murais encomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU), pintado com a colaboração de um de seus assistentes, o jovem pintor Enrico Bianco, representando tanto a devastação da Segunda Guerra Mundial quanto a aspiração universal pela paz. Verdadeira obra de arte com um propósito humanitário, as peças estão permanentemente expostas na sede da ONU em Nova York.

Dois trabalhos primorosos do artista destacam-se quando o tema principal são as representações dos cafezais, sendo estes o Café (1935), e "O Lavrador e Café", obra que admiro muito devido aos aspectos muralistas e plurais envolvendo as técnicas aplicada à pintura e sua representatividade.

No quadro, o pintor imortalizou um grupo de trabalhadores e trabalhadoras imersos na labuta árdua de uma fazenda de café. Os corpos são retratados com formas firmes, representando o vigor do trabalho na lavoura, quase como se tivessem sido esculpidos, destacando-se as mãos e os pés que revelam a intensa demanda física imposta pelo trabalho incansável, e força exigidas.



"Café" (1935)
Museu Nacional de Belas Artes (RJ)
Fonte: IBRAM

Num outro momento, o "O Lavrador de Café", obra concluída em 1939, retrata o trabalhador como principal representando o trabalho árduo dos trabalhadores rurais na colheita do café, onde da mesma forma é representado por traços sólidos e forte, e os já característicos pés e mãos grandes, além dos músculos e ferramenta de arado, além da paleta de cores, característica de seu estilo, com tons terrosos e vibrantes que refletem a natureza e a paisagem brasileira. Nota-se claramente a luz e a sombra são habilmente manipuladas para destacar os contornos do lavrador e criar uma sensação de volume e profundidade.

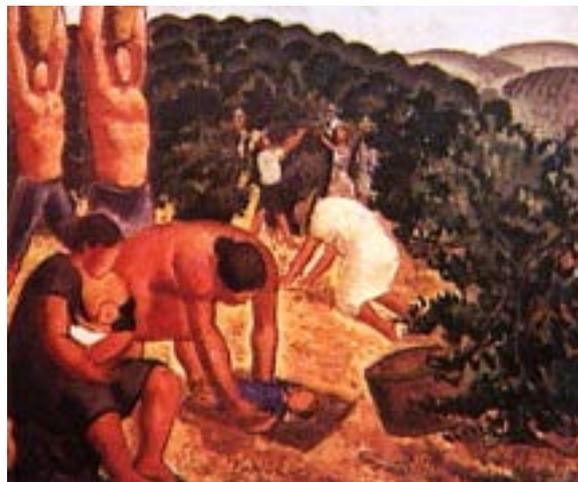
Portinari foi o um dos maiores responsáveis pela representação da força e da resiliência do povo brasileiro ao representar os trabalhadores rurais, apresentando em sua visão um testemunho da arte como voz para os menos favorecidos. Na presente obra, assim como na anterior, destaca-se de maneira marcante a postura emblemática do artista em relação à simbologia da identidade cultural e social do trabalhador rural no Brasil.



O Lavrador de Café, 1934
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (SP)
Fonte: autora

Outro destacado pintor que capturou o processo de produção do café no Brasil foi *Quirino Campofiorito*. Além de ser um renomado gravurista, professor e crítico de arte, este imigrante italiano firmou-se como um dos principais artistas do movimento modernista brasileiro, desempenhando um papel significativo no cenário artístico do início do século XX no país. Com o uso de uma paleta composta por cores vibrantes e uma abordagem singular sobre a figura humana e a paisagem, Campofiorito permite hoje, juntamente com os artistas mencionados nesta matéria, uma análise iconográfica das características da produção do café e da paisagem que a circunda.

Em sua obra "Café-Colheita" (1940) o pintor demonstra sua sensibilidade e habilidade em capturar a atmosfera das plantações, apresentando como nenhum outro o cotidiano das mãos trabalhadoras, tendo as mulheres e seus bebês à frente, e as demais ao fundo, realizando a colheita manual nos pés de café. Os homens, complemento da obra, são representados sobre o aspecto braçal deste árduo trabalho. A presença dos bebês e suas mães acrescenta uma dimensão humana e emocional à pintura, lembrando-nos da interconexão entre o trabalho e a vida familiar.



Café-Colheita (Tríptico), 1940

Outra importante impressão é a sua proximidade com a pintura muralista, evidente na maneira como preenche a tela com figuras e detalhes, criando uma sensação de movimento e vida, lembrando a proximidade com a pintura de Portinari.

Para os amantes do café e das artes, é importante salientar sobre a existência de diversas publicações, sites e blogs sobre café, que permitem o disfrute junto a uma boa xícara deste líquido que vale ouro. E entre a leitura de um bom site, como é o caso do *baristahustle*, até a leitura da *Coffee Review* (revista especializada em café), bem como a leitura não virtual (recomendo) de livros como "The World Atlas of Coffee" de James Hoffmann ou "God in a Cup: The Obsessive Quest for the Perfect Coffee" de Michael Weissman, cabe uma pergunta: como será observar a produção mundial, tendo em vista as mudanças climáticas, daqui à alguns anos. Ainda poderemos nos servir da compra de um café de qualidade, por bom preço? Quem pintará nossas lavouras e seus operários, sejam estes humanos ou máquinas? Já pensou nisso?

O fato é que o café não apenas permeia nossa vida cotidiana, mas também enriquece tanto nosso paladar quanto nossa cultura. Seja pela sua importância econômica ou pelos seus aspectos artísticos, o café é uma presença inegável e digna de celebração constante. Afinal, ele não apenas nos proporciona momentos de prazer e vitalidade, mas também serve como um elo entre pessoas e culturas ao redor do mundo. Então, por que não reconhecer e apreciar essa bebida maravilhosa diariamente?

Referências

AMARAL, Aracy. Arte para quê?: a preocupação social na Arte brasileira 1930-1970: subsídio para uma história social da Arte no Brasil. São Paulo: Nobel, 1984.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Primeiro levantamento da safra 2023 de café indica uma produção de 54,94 milhões de sacas. Janeiro. 2023. Brasil.

_____. .comp. safra brasileira de café, v. 11 – Safra 2024, n.1- Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-46, janeiro 2024.

● CAPITAL E PERIFERIA



Beatriz
Berçott

Outras formas de ver Brasília e seu território

Grupo de pesquisa Capital e Periferia

O grupo de pesquisas "Capital e Periferia", criado e coordenado pela professora Dra. Maria Fernanda Derntl, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB), tem como objetivo explorar os limites e as potencialidades da relação entre a capital e seu periferia, para além dos estudos realizados corriqueiramente sobre o Plano Piloto, visando ao longo das pesquisas, a produção de uma série de trabalhos científicos que deverão ser publicados em eventos e periódicos (nacionais e internacionais). Para isso o grupo utiliza uma abordagem espacial e temporal diversificada propondo um diálogo teórico e metodológico interdisciplinar, envolvendo outras áreas de conhecimento para além da arquitetura, tendo em sua composição pesquisadores de diferentes níveis de formação, da graduação até o pós doutorado.

“Nosso grupo estuda a história de Brasília com ênfase nos espaços que estão além do Plano Piloto, para questionar as narrativas tradicionais e falar de uma diversidade de perspectiva, que é conflituosa e que está sempre sendo atualizada por novas representações”¹

Dra. Maria Fernanda Derntl,
(professora e coordenadora dos estudos)

Oficialmente registrado no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2021, as pesquisas tornam evidente a amplitude dos estudos, que transcendem a mera análise de sua monumentalidade ou dos aspectos inerentes à sua condição de capital. Pretende, de fato, apresentar uma abordagem e perspectiva inovadora sobre a forma como

estudiosos e leigos podem enxergar a capital do país, de forma mais a perceber uma cidade e sua região com aspectos de formação por parte de processos similares, ou quase, aos de criação das cidades diferentes de Brasília.



Parte do grupo, que reúne pesquisadores do Brasil e do exterior. Da esquerda para a direita: Maria Fernanda Derntl, Luciana Jobim, Angelina Nardelli Quaglia, Daniela Barbosa e Matheus Rosa. Ao centro: Renata Almeida, Nádia Mendes e Mariana Mendes. Foto: Luis Gustavo Prado/Secom UnB

Referência

NERI, Marina., (19 de abril de 2024). Outras perspectivas: conheça o grupo de pesquisa Capital e Periferia, que investiga faces alternativas de Brasília. Nuances da Aniversariantes. UnB Notícias, SECON/UnB. Abril de 2024. Acesso em: <https://www.noticias.unb.br/pesquisas-estudos-e-projetos/7259-outras-perspectivas-conheca-o-grupo-de-pesquisa-capital-e-periferia-que-investiga-faces-alternativas-de-brasilia>



SOCIOLOGIA.

ANTROPOLOGIA.

DIREITO.

POESIA.

COTIDIANO.



● ALTERIDADES



Nelson
Inocência

IEMANJAZ

Fevereiro, além de ser uma referência à maior festa popular brasileira, o carnaval, é também o mês em que se celebra uma das mais conhecidas divindades do candomblé de nação ketu. Iemanjá, Iémójá (Yèyè ómó ejá), mãe cujos filhos são peixes, Yemayá na cultura afro-cubana, a grande yaba, orixá feminino, mãe de Omolu por afeição, entre vários atributos, costuma ser celebrada nesse período. No candomblé de nação angola, herança dos povos africanos vinculados ao tronco linguístico banto, ela é associada ao inquice Ndandalunda, enquanto no candomblé de nação Jêje, legado das tradições da sociedade fon, encontra-se vinculada ao vodum Agbe, de acordo com os pesquisadores Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã.

A saudação a ela atribuída na língua iorubana já indica sua procedência, Odò ìyá! 'mãe dos rios'. O culto a senhora dos rios, incluindo aqueles que desaguam no mar, sofreu adaptações do lado de cá do Atlântico. Provavelmente, por força das circunstâncias históricas envolvendo o tráfico negreiro e a formação da diáspora africana no Brasil, várias tradições de matrizes africanas passaram forçosamente por processos de resignificação. A cultura iorubana, bem como as demais culturas oriundas da África, processos de resignificação. A cultura iorubana, bem como as demais culturas oriundas da África, afetadas pelas rotas do comércio de almas nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, não ficou imune diante desse longo período histórico.

O dia 2 de fevereiro, embora popularmente conhecido como dia de Iemanjá, consta como uma referência do calendário construído a partir da liturgia católica. Nessa data louva-se Nossa Senhora das Candeias sincretizada com Iemanjá. Interessante notar a dimensão contra-hegemônica que a data adquiriu com o passar do tempo. Para muita gente leiga 2 de fevereiro é dia de festa no mar e há quem queira ser o primeiro a louvar Iemanjá, conforme anuncia Dorival Caymmi em sua emblemática canção. Nessa data as atenções se dividem entre a santa e o orixá, porém, quem parece adquirir destacada visibilidade nos festejos é a divindade de origem africana. Seguramente isso nos mostra como as culturas negras foram capazes de influenciar a cultura ibérica no Brasil, mas também foram influenciadas por ela.

É preciso reconhecer que o sincretismo, como estratégia de sobrevivência dos cultos afros, 'camuflando' divindades africanas a fim de garantir-lhes alguma sobrevivência, era uma alternativa que sequer podemos julgar diante de tanta violência e hostilidade. Lembremos das ações protagonizadas pela polícia ou por ligas, a exemplo das invasões, destruição e pilhagem de terreiros em determinados estados do país (Alagoas, Bahia, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo), como ressalta o historiador da arte Roberto Conduro. Esse fenômeno que se estendeu do final do século XIX ao início do século XX, resultou no aprisionamento de objetos ritualísticos e na criminalização do sagrado afro-brasileiro. A descriminalização de tais bens e, por conseguinte, das tradições às quais estão vinculados, só



Imagem 1: Iemanjá inspirada em Nossa Senhora dos Navegantes
Imagem 2: Iemanjá. Escultura em madeira da República popular do Benin
Autor: Oju Orobi
Exposta no Museu Afrobrasileiro da UFBA -MAVRO.

veio a ocorrer muito recentemente, a exemplo do Rio de Janeiro. Pressionado pelas ações do ativismo afro-religioso que desencadeou uma campanha denominada 'Libertem nosso sagrado', o governo do estado finalmente resolveu desencarcerar as peças ritualísticas aprisionadas há mais de um século e encaminhá-las para o acervo do Museu da República.

Voltando ao passado em que a repressão às culturas afro-brasileiras era assunto de Estado, percebe-se que lideranças afro-religiosas da época não conseguiram encontrar opções menos comprometedoras que desviassem do sincretismo religioso, apesar de seus esforços. Devemos reconhecer tudo o que essas pessoas puderam fazer em busca da resistência ou da (re)existência, embora seja perceptível o ônus, em que pesem as substituições de imagens de orixás por imagens de santos católicos nos terreiros e nas festas populares como a que ocorre no dia 2 de fevereiro. Certamente o sincretismo, esse acontecimento, inibiu por muito tempo a produção da arte sacra afro-brasileira. A ela não restou alternativa a não ser render-se a uma 'escolha' que, a bem da verdade, constituiu-se em uma imposição. É surpreendente o fato do trabalho de artistas sacros afro-brasileiros ter sobrevivido diante de tamanho apagamento simbólico. Quando lidamos com a divindade lemanjá, tendo ciência de sua origem e dos problemas aqui sublinhados, esbarramos, inevitavelmente, na questão da representatividade em tempos de afirmação das identidades historicamente preteridas. Notemos as implementações de ações afirmativas adotadas por instituições públicas e privadas, as quais são direcionadas a vários segmentos socialmente vulneráveis, além de políticas públicas, nas esferas federal, estaduais e municipais que almejam minar na base o germe que alimenta toda forma de intolerância. Apesar das ações desenvolvidas, o combate ao racismo religioso continua a ser um dos grandes desafios em uma sociedade cada vez mais contaminada pelo ranço autoritário e que tem dado evidências de seu perfil retrógrado na cena política brasileira nos últimos anos.

As duas imagens que abrem este texto mostram a transmutação por que passou a deusa africana. A primeira é uma escultura tradicional de lemanjá procedente do Benin, país com o qual temos laços históricos devido às rotas do tráfico atlântico que sequestrou e escravizou populações do antigo Reino do Daomé. A obra pertence ao acervo do MAFRO, Museu Afro-Brasileiro, vinculado à Universidade Federal da Bahia. A segunda, inspirada em Nossa Senhora dos Navegantes, é fruto do processo de acomodação sincrética face às hostilidades, as quais alimentam a intolerância religiosa, que na sua forma mais perversa, se constitui no racismo religioso. Sem dúvida a ideologia do branqueamento é parte constituinte e determinante dessa metamorfose, embora intelectuais mais conservadores neguem terminantemente a existência dessa ideologia. Esses, de modo refratário, elaboram narrativas, na defesa de uma mestiçagem onírica.

Logo, é possível afirmar acerca desse fenômeno e dos contatos interculturais entre colonizadores e colonizados no Brasil que, diferentes discursos foram construídos, dos mais românticos aos mais críticos. Ao considerarmos esse aspecto não será difícil compreender as motivações que levam às disputas em torno da identidade nacional.

Observa-se que distintas representações visuais de lemanjá disputam o imaginário popular brasileiro. O mesmo vale para as representações de Ogum, sincretizado com São Jorge e Oxalá sincretizado com Jesus Cristo, práticas recorrentes, principalmente nos terreiros de Umbanda, religião que nasce do afã de pacificação desse tema. O sincretismo interfere na compreensão inclusive de pessoas iniciadas, muitas das quais acessam raramente as representações originais das divindades que cultuam ao longo da vida.

No cotidiano das comunidades-terreiro, como diria Muniz Sodré, os aprendizados ensinam os *abyan* (indivíduos noviços) a ressignificar seus entendimentos. Daí as leituras de mundo que adquirem robustez a partir de referenciais africanos. São saberes que motivam pessoas iniciadas a entender a complexidade da vida por caminhos jamais experimentados. Essa vivência é permeada por uma ética e por uma estética que reorientam as condutas de fiéis. Nessa dinâmica faz-se necessário entender o valor simbólico que as representações visuais alcançam.

A *Yalorixá Stella d'Oxossi*, intelectual orgânica e liderança do terreiro *Ilê Axé Opo Afonjá*, em Salvador, falecida em 2018, nos legou uma importante contribuição ao defender publicamente a dessincretização e reafrikanização do candomblé. Embora contestada por pesquisadores que afirmam haver nisso um certo purismo, é inegável que as adaptações supramencionadas foram praticamente compulsórias. Não se trata de um hibridismo cultural decorrente de trocas estabelecidas de modo consensual. Stella nos chama a atenção para o apagamento dos orixás, na medida em que os cultos permanecem, ao passo que as representações visuais embranquecem.



Mãe Stella de Oxóssi
Foto: Danutta Rodrigues/g1

O enfrentamento depende de uma reeducação de base a emergir das próprias comunidades-terreiro. O movimento afro-religioso, assim como tem realizado campanhas públicas necessárias tais como as passeatas em prol do respeito e da assunção da identidade religiosa (*Quem é de axé, diz que é!*), poderia protagonizar essa ação, em parceria com outros segmentos sociais. Existem contribuições questionando o branqueamento de lemanjá, vide as produções no campo das artes visuais, como determinadas obras de Ayrson Heráclito e Márvila Araújo. Avançando para o território da música pop, nos deparamos com uma das composições do rapper do Emicida intitulada 'Baiana'. São trabalhos auspiciosos, em um contexto de guerras culturais. São manifestos, denúncias, para evitar que a referida divindade negra seja definitivamente sepultada, tendo inscrito em sua lápide: "Aqui lemanjaz!"

Nelson Fernando Inocencio da Silva
*Professor do Departamento de Artes Visuais,
Instituto de Artes da Universidade de Brasília*



Deusdedith
Alves Rocha
Junior

● SABERES

POEMAS ESTOICOS

POEMA ESTOICO 1

Tomado por divina alegria
Meu corpo transita no mundo
Esquecido das bordas do tempo.
E quando me chama,
A multidão confusa
Em busca da verdade,
Ou a solidão difusa
Que recusa qualquer crença,
Eu sigo de mãos dadas
Com a alegria,
Bebendo a leveza da vida
Nos copos simples
Que me oferecem pela estrada.

POEMA ESTOICO 2

Espalhado pelo mundo
O desejo intenso
Esvazia a natureza,
E tudo vibra sobre a vida.
Não vibra a vida, mas
A natureza transformada.
Seres mecânicos
Movem o mundo:
Moinhos, barcos, chicotes,
E os produtos se multiplicam,
E os caminhos se abrem,
E o trabalho opera.
O que é útil
Preenche e preserva o corpo,
Mas é sobre a alma
Que o vazio impera

POEMA ESTOICO 3

A ordem do mundo nos prende
Pelos elos da crença
De que a ordem do mundo
É intransponível prisão.
A nós, por libertação,
Não basta escolher e seguir
Um caminho.
Ele precisa ser delírio,
Impossível utopia,
Desejo em suspensão!

POEMA ESTOICO 4

Se te preservas intacto, sem dor,
Como escreverás tua história?
Que fatos terás para pôr?

POEMA ESTOICO 5

Quisera eu fugir do mundo
Permanecendo a ser quem sou.
Mas não! Nada pode haver lá
Senão desrazão e loucura,
Palavras que, caso as dissesse
Não saberia compreender.
Farei melhor desejando
Contra o tirano, rebeldia,
E para o amigo, palavras
De compreensão e alegria.

POEMA ESTOICO 6

Nenhum bem, nenhum mal,
Será permanente,
Ainda que não te saia da
mente.

POEMA ESTOICO 7

A cidade poluída
É o que nela trazemos
Por nossas mãos construída.
Ainda que a unidade das gotas
Fizesse a grande lagoa,
O que a luz nos dá a ver
Não são partículas,
Nem na cidade, as pessoas.

POEMA ESTOICO 8

A percepção, o pensamento e a palavra,
Trazem o entendimento do mundo,
Sempre na superfície das coisas,
Como uma explosão de luz
Sobre meus olhos,
Como uma invasão de frio e calor
Sobre minha pele,
Como um tiro de sons
Pelo meu corpo adentro.
Atento, invento nomes
E os pronuncio
Como quem invoca algum parentesco
Com as coisas que me rodeiam.

POEMA ESTOICO 9

"Tudo é opinião", Marco Aurélio diz,
Enquanto especula cuidadosamente
Qual delas lhe faz melhor juiz.

POEMA ESTOICO 10

Não é aquilo que sentes,
O que verdadeiramente
Invade teu corpo.
Mas não diminui de valor
Esta sensação que te deu
Tua mente de presente.

POEMA ESTOICO 11

A tua singularidade se ergueu
Pelos atos e votos dos teus irmãos.
Enquanto te apropriavas das regras
E das técnicas, para ser quem és,
Uma pessoa particular nascia
Entretecida nos fios das vidas
De outras ao seu redor.
O alimento que te fez crescer
O mundo te deu, por vezes,
Tirando de quem não podia dar.

POEMA ESTOICO 12

Caminha para dentro
Como quem volta para casa
Em busca do momento
Da calma revelação.
As leis prescritas não servem para ti,
As vestes não acolhem além do corpo,
As palavras aprendidas pouco revelam
E os templos nem sempre abrigam bem
A alma.
Caminha para dentro
Sem querer um encontro,
Ainda que a cada momento
Ande nessa direção.

POEMA ESTOICO 13

Dia desses era criança
E já me sinto envelhecido.
Como poderia lembrar de tudo
Olhando para um horizonte
Que esconde uma imensa floresta?
O que vivemos vem no corpo,
Em marcas adquiridas
Como uma palavra
Cujo significado, não sabemos
Mas tem um sentido.

POEMA ESTOICO 14

Em um mundo que me quer
Reinventado a cada instante,
Nesse mundo eu não tenho lugar.
Se não puder ser isso que sou
E permanecer sendo,
Escolho andar impassível
No turbilhão dos acontecimentos.
Então, ainda que não permaneça,
Dou outro ritmo ao meu movimento.

POEMA ESTOICO 15

Não é a montanha,
Que não consigo mover,
A razão da minha angústia.
É por querer um mundo perfeito,
Ao modo da minha vontade,
Que a desrazão me invade.
É o que de mim se oculta
Porque só ao outro se dá,
E mesmo com tanta labuta
Em nada resultará.

POEMA ESTOICO 16

Não te abstenha da revolta,
Mas não a empregue inutilmente
Contra as ações da natureza.

POEMA ESTOICO 17

A tranquilidade da alma
Principia no movimento do corpo
Em respiração.
A calma que buscas
Não hás de achar
Senão na vida sublunar.
E o que depois vier
Não se aplica aos sentidos.

POEMA ESTOICO 18

O maior dos prazeres
É o vento brando
Que harmoniza o mundo
É o teu corpo
Em tempo e espaço, e o vazio
Que tudo cabe.

POEMA ESTOICO 19

O que vens pedir aos deuses
Espera para depois,
Quando encontrá-los.

POEMA ESTOICO 20

Não há o que dizer
Sobre o caminho a seguir
Enquanto a tua presença
Não esgotar a existência
Prevista para o tempo
Em que estás aqui.



● CRÔNICAS COTIDIANAS

Ellaine
Toledo**BRASÍLIA E AS CORES QUE DANÇAM,
É CARNAVAL!**

O carnaval chegou, e com ele, a transformação das ruas e clubes em palcos de uma festa vibrante. A cidade, antes calma e meio vazia, agora pulsa em um ritmo contagiante. A folia recheada de tradição, cultura e diversidade, sempre acompanhada de muita cor, brilho e alegria nos convida a celebrar.

As cores dançam, dão vida à cidade, criando um cenário mágico onde o comum se torna extraordinário. Máscaras e pinturas adornam rostos, revelando a promessa de um carnaval onde todos são livres para serem quem quiserem. O carnaval, afinal, é a celebração da liberdade, uma explosão de alegria e cores que desafiam a monotonia do cotidiano.

As marchinhas clássicas ecoam pelas entrequadradas, enquanto as serpentinas desenham enormes sorrisos no ar. O som dos tambores se mistura às risadas, criando uma sinfonia única que embala passos de samba improvisados. Ruas e clubes mesclam as cores e sons da festa mais popular do Brasil.

Algumas fantasias são testemunhas silenciosas de histórias que se desdobram a cada quadra. Super-heróis e monstros se encontram com personagens de contos de fadas, criando um belíssimo espetáculo que, por um carnaval, escapa da realidade.

E assim, entre confetes, serpentinas e muitos risos, o carnaval escreve sua própria história em cada coração. É uma celebração da vida, um convite para deixar as preocupações de lado e se perder na magia instantânea do momento. Pois, no carnaval, somos todos parte de uma dança coletiva, onde a alegria é a coreografia e a diversidade é a marchinha principal.

No carnaval, somos todos artistas de uma grande e efervescente peça teatral, onde a única regra é brincar. Que o batuque dos bloquinhos ecoe por entre os prédios, que as máscaras disfarcem, por algumas horas, as preocupações do dia a dia e que os mais belos enredos durem de fevereiro a fevereiro.

Brinque, brilhe e deixe brilhar!

Sucesso!

● CRÔNICAS COTIDIANAS



Marta
Simone

O MOMENTO PERFEITO

Sob o céu chuvoso de Agosto em Salvador, ouço o tilintar generoso e calmo das folhas das árvores do litoral. O “cheiro” que esse som exala, evoca em mim uma nostalgia de um tempo tão distante, que, por vezes, duvido se realmente o vivi ou se foi mera imaginação.

As lembranças nostálgicas de uma cidade mágica da minha adolescência misturam-se ao ideal imaginário da existência de um ‘lugar perfeito’, de uma ‘família perfeita’, de um ‘momento perfeito’.

Imagens, ‘cheiros’, e sons que insistem em invadir a mente para trazer à memória a existência daquilo que costumo chamar de “Milagres do Cotidiano”, ou de “Momentos Milagrosos”.

Tenho plena consciência da raridade desses momentos, em que a Vida adquire contornos fascinantes e extraordinários. São como cápsulas de memórias que, de repente, se abrem e espalham o ‘pó mágico’ por todo o ambiente circundante.

A isso chamamos de “MOMENTO PERFEITO.” Todos nós já vivenciamos Um (mesmo que não tenhamos plena consciência disso). Ele não avisa, nem espreita. Ele simplesmente Chega. Aparece assim “do nada”, e se esvai do mesmo jeito que apareceu – em forma de névoa. Seu surgimento não permite “conclusões”, apenas VIVÊNCIA, pois é na Experiência que ele respira e vive. Por isso, na maioria das vezes, só o reconhecemos a posteriori.

Em algum momento da Vida, já o vivenciamos. Pode ter sido em forma de horas, minutos, segundos, ou átimos de segundos. A única coisa que tínhamos plena certeza é a de que estávamos diante dele - aquele momento em que tudo se encaixa de forma tão plena que parece mesmo não fazer parte da chamada “Realidade”. Sim, porque associamos ‘Realidade’ à ‘Imperfeição’, à Incompletude. E tudo o que é “Perfeito” parece ser irreal, fantasioso, ou fora deste mundo.

Montagem Brique- a-Brac: A.Quaglia

Mas, apesar de todas as “provas contrárias”, nós sabemos, de Verdade, quando estamos diante do “Momento Perfeito”. Não temos nenhuma dúvida disso, porque ele fica ali – num canto especial da nossa Memória, paralisado em forma de ‘sacralização’. E vamos buscá-lo sempre que necessitamos de um afago na alma, ou para lembrar de “como a Vida pode ser Boa”. Sabemos que ele é Perfeito porque quando dele lembramos, temos a verdadeira sensação de que estamos ouvindo uma linda melodia, onde tudo se encaixa – as pessoas, os objetos, os sorrisos, os choros, o local, a movimentação dos corpos e das almas, o clima, os olhares, as falas, as pausas, a energia –, tudo se entrelaça de forma tão natural que nos remete à ideia de estarmos participando de uma sinfonia bem orquestrada que, por algum(s) instante(s), decidiu estar presente em nossa existência.

O mais curioso de tudo é que sabemos da nossa imperfeição enquanto seres humanos. No entanto, entendemos também que, para sermos “Perfeitos” temos que inclui-la – e apenas quando a incluímos e a aceitamos, é que podemos nos sentir Verdadeiramente ou Autenticamente Perfeitos! Compartilho da ideia de que Somos Perfeitos quando estamos Inteiros, Plenos, abarcando todas as nossas imperfeições e todas as nossas virtudes. Esse “todo” nos torna Perfeitos.

Quando lembro do meu Saudoso pai, por exemplo, dedilhando as cordas do seu violão e cantando para os seus filhos e a família... para mim, este era um ‘Momento perfeito’ (mesmo que, vez ou outra, com o passar dos anos. e o avançar da idade, ele esquecesse uns pedaços das letras de suas músicas preferidas... o que, em minha lembrança agora, parece deixar a cena mais “perfeita” ainda!) – o Quadro mais Belo que já vi!

A Imperfeição nos torna Reais, e, ultimamente, tenho feito a estranha descoberta de quão interessante pode ser Viver no Mundo Real, ter fantasias Reais, portanto, Realizáveis! Isso significa que estamos mais do que VIVOS, estamos PRONTOS e DESPERTOS para VIVER A VIDA! Portanto, PERFEITOS! Para quem sempre primou pelo “Perfeccionismo”, descobrir isso é um ato libertador e revolucionário! A VIDA ganha outros contornos e novas cores. A ideia de que nunca estamos prontos, mais atrapalha que ajuda, neste caminho evolutivo da vida. Digo isso, por experiência própria. Abraçar a imperfeição é a coisa mais Perfeita e Lúcida que podemos fazer, se quisermos ter nossos “momentos Perfeitos”. E isso é um aprendizado e um desafio diário para todos nós.

Como é Bom termos Momentos Perfeitos dentro desta Vida Imperfeita! (ops.! Perfeita! rs).

Fica o Convite à Reflexão. Nossa! Acho que acabei de viver o que, particularmente, considero ser um desses “Momentos Perfeitos” – o prazer de Escrever o que Sinto!

E Você? Está esperando o que? Vai lá Viver seu “Momento Perfeito”!



● CRÔNICAS COTIDIANAS



Marta
Simone

A CIDADE ESTRANHA (OU MINHA DECLARAÇÃO DE AMOR A BRASÍLIA)



Ela não me conquistou de cara. Não. Todo o processo foi bem mais lento...Mas, dizem que todo “Amor de Verdade” é assim, não é mesmo? rsrs Vai sendo construído aos poucos, a partir de pequenos detalhes do cotidiano. A primeira vez que a vi senti uma certa “estranheza”. Creio que cause a mesma sensação em qualquer um que tenha vindo de um modelo “normal” de Cidade, ou, como bem diz Caetano “de outro Sonho Feliz de Cidade” rs

- Moço, quando vamos chegar ao “Centro” da Cidade, perguntava ansiosa ao Taxista, a Garota que acabara de deixar sua Cidade Natal (Salvador-BA) em plena Terça-feira de Carnaval, para, literalmente, pousar em sua nova Residência – BRASÍLIA. Surpresa, e até um pouco assustada com a Linha Reta que parecia infundável, com Placas Numéricas que insistiam em se repetir ao longo do caminho, e uma “Qualidade de Silêncio” até então desconhecida por ela, olhava atenta o endereço no papel em suas mãos, na tentativa de identificar naquele emaranhado de letras e números, se já estava perto de chegar ao endereço destinado. Um misto de “frio na barriga” com uma Alegria desconcertante (afinal, ela queria muito viver esta Nova Vida!) invadiam a sua Alma naquele momento.

- Depende do que Você chama de “Centro” garota... respondeu o taxista, olhando para ela pelo retrovisor, e sorrindo de forma enigmática, como quem dissesse: “ Prepare-se para conhecer uma Cidade diferente de tudo o que Você já viu em sua Vida!.” E assim foi.

- Não se preocupe, estamos quase chegando ao seu endereço (Início da Asa Norte), fica bem perto do “Centro”, disse ele em tom tranquilizador.

- Chegamos. É aqui.

– Ufa! Ela respirou profundamente, e desceu do Carro com sua Enorme Mala repleta de roupas e livros. Ao olhar ao redor pensou: “ Não pode ser, como podemos estar tão perto do Centro se existem tantas Árvores, e parece mais que estou em uma espécie de ‘Chácara’ ? Olhou atentamente o Endereço, e confirmou que realmente era ali!”

E naquele exato momento, estava sendo apresentada às chamadas SUPER QUADRAS, da planejada Brasília!

A primeira impressão era a de que estava diante de uma “Cidade-Fantasma”, pois quase não via pessoas andando nas “ruas”. Inicialmente, ela a intitulou de a “Não-Cidade” – sem esquinas, sem burburinho, sem pessoas na rua, sem buzina, sem barulho; e um visual futurista que sempre a transportava para outras dimensões... às vezes ela tinha a nítida sensação de que havia sofrido uma espécie de “rpto alienígena” e tinha ido parar em outro Planeta!

No início, confessa que tinha um certo medo de tamanho Silêncio, porque, de alguma forma, ele exige que entremos em contato com o nosso próprio Silêncio Interior, e isso, definitivamente não é uma tarefa fácil! Mas, depois que se passa a barreira inicial do medo, começa uma fase de curtir esse Silêncio como uma Grande Bênção na (e da) Vida! A possibilidade de se “Ouvir o Silêncio” tornou-se uma das Características que ela mais Ama em Brasília. Ajuda a desenvolver a necessária Paz Interior. Cria Força Interna para enfrentar o “burburinho vindo lá de fora”.

Da chegada em 1995 até o momento atual, muitas histórias se passaram com essa garota, e ela conheceu diversas “Brasílias” que se misturam dentro de uma só. Aqui, ela desabrochou. Tornou-se Adulta. Formou Laços de Amizade e de Amor. E vem amadurecendo...assim como a “Estranha Cidade”, hoje já bem conhecida e próxima. Tão próxima que já se reconhece nela, e já se considera parte desta diferente e gostosa mistura de povos e de crenças que constitui Brasília.

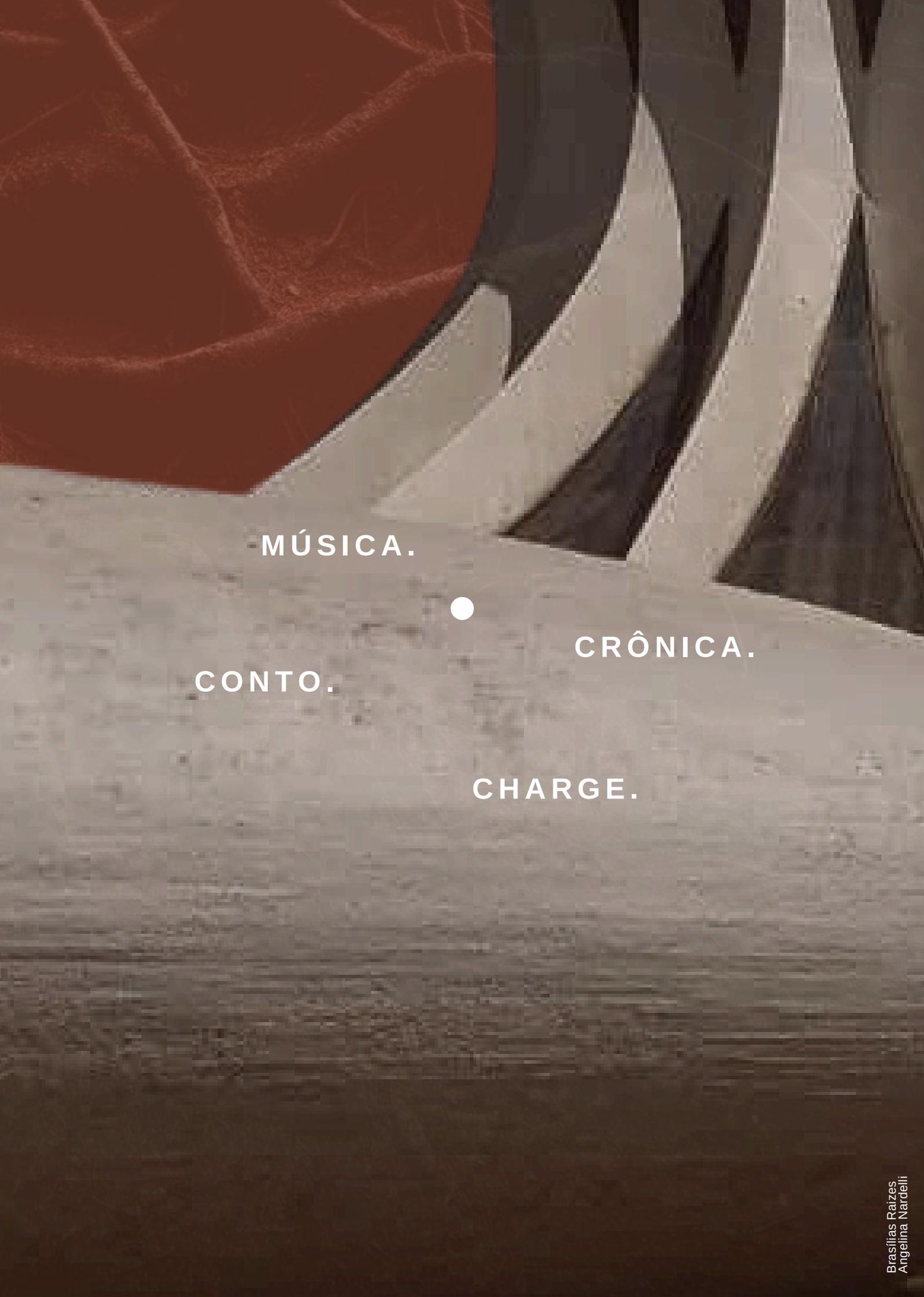
Ao longo desse tempo, também percebeu que existem muitos Conceitos do “Belo”. Existe uma Beleza não tão óbvia nessa Cidade Planejada no Interior do País. Acostumada às Belas Paisagens Litorâneas, com suas Belezas mais do que expostas - aquele tipo de beleza que não se contesta, pois não se tem dificuldade alguma para enxergar, o que chamo de “Beleza para Fora” - teve que treinar seu olhar para descobrir um novo tipo de Beleza – Aquela que chamo de “Beleza pra Dentro”. Sim, Brasília tem “Beleza Interna”. O ritmo pulsa pra “dentro”, e não pra fora. Uma Cidade que tem Vida nos Subsolos, nas suas Entranhas, e vamos descobrindo isso aos poucos... Não se enxerga à primeira vista. Parece que não tem nada. De repente, percebe-se uma Vida Pulsante enorme! Nos seus Cafés, nos seus Bares, nos seus Subsolos, nos seu “Eixos”. Mas é preciso estar bem atento para enxergar. Afinal, a “Disciplina” é uma marca da Elegância da Cidade.

Tudo isso sob a Bênção de um Céu indescritível! Pode-se ver o Horizonte sempre. E isso é, de fato, uma Bênção! Em Brasília, conseguimos enxergar o que está no “Meio” – aquilo que está entre o Céu e a Terra. Afinal, temos ESPAÇO para isso. O Cerrado é Espaçoso...rs (no Bom sentido da palavra!). Ao mesmo tempo, Tudo é mais Contido, mais Delimitado, Planejado, como as Linhas que delimitam suas Super Quadras. Disciplina e Liberdade caminham juntas. Ou, como bem disse o poeta Renato Russo “Disciplina É Liberdade”!

Hoje, a “garota” (risos), sente-se Feliz em poder morar e desfrutar da Qualidade de Vida Presente nesta estranha e Linda Cidade chamada “Brasília”!

FELIZ ANIVERSÁRIO BRASÍLIA!!! PARABÉNS A ESSA CIDADE FORTE, MISTERIOSA, CONTEMPORÂNEA, BELA E MAGNÉTICA! DESEJO, CONTRIBUO, E TORÇO POR UM PRESENTE E UM FUTURO CADA VEZ MELHOR PARA ESTA CIDADE QUE APRENDI A AMAR!!!

Com Muito Carinho, de uma das suas “Filhas de Coração”, Marta Simone (Observadora da Vida, Amante da Escrita)



MÚSICA.



CRÔNICA.

CONTO.

CHARGE.



● E SE A VIDA FOSSE UM FILME?



Beatriz
Berçott

SR. GERY, CONHECE?

A solidão também tem graça para aqueles que sabem viver bem, mesmo sozinhos. É o que conta o curta metragem do ano de 1997, escrito e dirigido por Jan Pinkava. Se você foi criança nessa época certamente assistiu esse curta antes do desenho "Vida de Inseto", em seu aparelho de VHS ou numa ida ao cinema. Eu assistia todos os dias antes de dormir. Caso nunca tenha visto, é preciso conhecer essa história fascinante que retrata a criatividade no processo da solidão, seja essa escolhida ou imposta. E também precisa saber mais sobre o estúdio que a criou, o PIXAR. Ou seja, espera, solidão, diversão e controvérsias andam juntas, e podem ser um modo de vida.

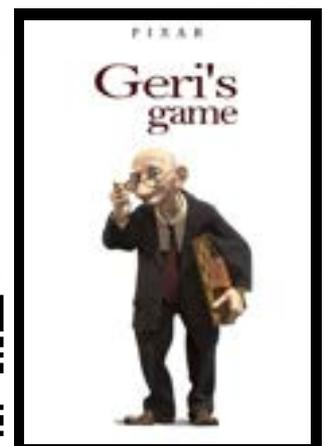
O curta mostra a história de um idoso chamado Geri, competindo consigo mesmo (uma redundância real), em uma partida de xadrez. Jogando sozinho ele demonstra momentos de calma e apreensão, tendo ao fim a vitória sobre seu oponente, que era ele mesmo. Divertido, o filme nos faz pensar sobre a solidão e nos momentos em que podemos ser nossa melhor companhia, além de uma bela música e paisagem sem igual. Este filminho é encantador!

Entretanto é importante salientar que este não foi o único curta do estúdio, porém, foi o primeiro filme da Pixar a ter um ser humano como personagem principal, e que depois fez parte dos clássicos easter eggs que aparecem em todos os longas, e curtas que criaram. Posteriormente Geri fez uma aparição especial em Toy Story 2 (1999) como senhor que limpava os bonecos. Você viu?

Geri's Game nasceu do esforço da equipe da PIXAR em reacender a série de curtas feitos na década de 80 pelo estúdio, que por um tempo haviam sido colocados em espera, pois estavam concentrados na criação de comerciais para a televisão, e em seu primeiro longa feito por computador, bem como o primeiro longa-metragem do estúdio, que se tornaria o primeiro animado por computador após inúmeras simulações, o Toy Story(1995).

Não sei se sabem, mas o simpático personagem Geri não foi o primeiro protagonista de um curta de animação feito pela PIXAR. Seis anos antes, em 1989 haviam lançado o desenho Knick Knack - badulaque ou ornamento de casa, se traduzirmos ao "pé da letra" -, que traz um simpático bonequinho de neve tentando escapar de seu globo de vidro.

Que tal assistir os dois?



● QUEM CONTA UM CONTO...



Florismar
Gasparotto

MEU FLUIR

Reconto de Lenda das Areias (história de tradição Sufi)

O útero da mãe terra é acolhedor, mas sinto a necessidade de partir. Sinto-me pressionado e explodo, nasço como uma fonte borbulhante e agitada! Meu parto aconteceu! Meu ser está diferente. Tenho energia para correr mundo afora à procura do que é melhor para mim. Sigo em busca de meu pai, o mar. Quero integrar-me e misturar-me a ele.

Sou um riacho cristalino e espraio-me, montanha abaixo, qual uma linda cabeleira numa costa nua. Corro por uma paisagem que traz paz e alegria. As flores aquáticas são as minhas companheiras favoritas, juntamente, com as folhas que, em um processo suicida, vêm beijar as flores e juntar-se a mim. Gosto das crianças penetrando nas minhas entranhas para brincar, e eu retribuo o carinho transmitindo a elas uma sensação de frescor que traz alegria e felicidade.

Os obstáculos vão surgindo. Alguns são permeáveis e eu misturo-me a eles. Com eles eu aprendo e apreendo o que necessito para o meu caminhar. Outros, eu os contorno ou, pela minha tenacidade, os desgasto. Procuro não ficar paralisado, porque quero chegar ao meu melhor. Quero fluir!

Corto o seio verde da floresta e vou encontrando novos irmãos. Incorporo-os, tornando-me mais forte e caudaloso. Já sou um rio com correnteza, contornei rochas, beijei troncos, arrebatei-lhes galhos e caí em forma de cachoeiras. Continuei o caminho para realizar o meu sonho: fazer parte do mar.

Agora, encontrei um grande obstáculo à minha viagem: o deserto. Como ultrapassá-lo? Arremeto-me contra ele, acreditando na minha potência, mergulho no deserto, sinto o calor das suas areias. Gostaria de moldá-lo à minha vontade, fazer dele uma extensão de mim, mas sou absorvido. Estou com medo e perdido, preciso descobrir alternativas e novos caminhos. Preciso cruzar o deserto para chegar ao mar.

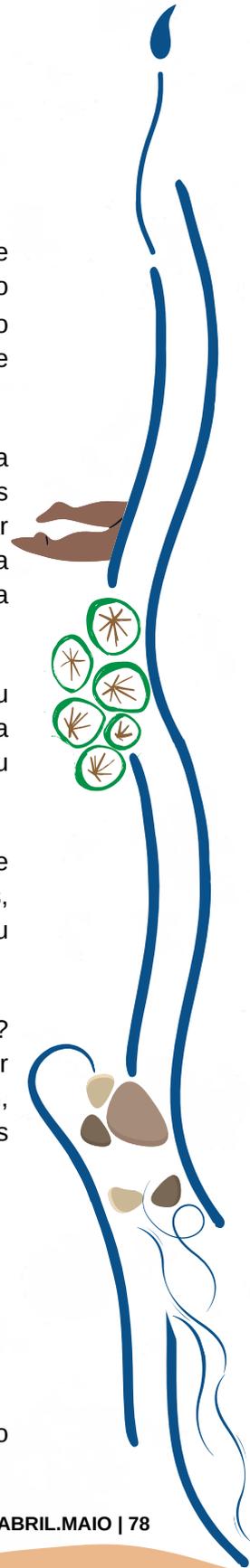
Foi, então, que uma voz misteriosa saindo do interior do próprio deserto, me falou:

— O vento cruza o deserto, o rio pode fazer o mesmo.

Objetei que eu não podia voar, como o vento, para atravessar o deserto.

— Arrojando-se com violência contra mim, como vem fazendo, não conseguirá cruzar-me.

Dessa maneira, você desaparecerá ou se transformará num pântano. Permita que o vento o leve ao seu destino.



Mas como isso pode acontecer?
— Permita-se ser absorvido pelo vento.

Tal sugestão era inaceitável para mim. Eu nunca tinha sido absorvido até então e tinha medo de perder a minha individualidade. Como saber se conseguiria recuperá-la mais tarde?
— As areias disseram: o vento desempenha essa função. Eleva a água, a conduz sobre o deserto e depois a deixa cair em forma de chuva, que se converte novamente em rio.
— Como posso saber se isso é verdade?
— É assim que acontece. Se não acreditar, você se tornará um pântano e, mesmo assim, levará muitos anos; um pântano não é certamente a mesma coisa que um rio.
— Mas posso continuar sendo o mesmo rio que sou agora?
— Você não pode, em caso algum, permanecerá assim — retrucou a voz. Sua parte essencial é transportada e forma novamente um rio.

Certos ecos começaram a ressoar nos meus pensamentos mais profundos. Recordei-me vagamente de um período em que eu, ou uma parte minha, fora transportada nos braços do vento. Pensei, então, que era isso que deveria fazer, mesmo que não me parecesse a coisa mais natural.
Parei de questionar e elevei meus vapores nos acolhedores braços do vento.

As dúvidas logo apareceram:
Quem sou eu? Perdi-me de mim mesmo, preciso recuperar a minha identidade. Não sou mais o rio caudaloso a caminho do mar. Sou, nesse momento, uma nuvem grande, clara e luminosa. Precisei me metamorfosear para alcançar o meu objetivo, mas estou amedrontada, com um medo que esfria minha alma. Vejo o deserto, lá embaixo, agressivo e seco: sem vida. Agora, sei que não gostaria de ter continuado lá, como água parálitica em um poço profundo e estagnado.

Começo a me tornar mais densa e a vestir-me de cinza chumbo. Essa cor não me agrada! É a cor da tristeza que sinto em meu interior.

Quero chegar logo ao outro lado do deserto, preciso recuperar a minha essência! Observo que o deserto fica cada vez mais distante, parece menor. Estou muito alta!

Raios e trovões ensurdecadores saem de mim. Não gosto do que está acontecendo. É tudo novidade! Quero que tudo isso acabe para recuperar a minha forma de rio.

O vento sopra forte e já estou próxima de uma montanha coberta por uma floresta densa. O verde me acalma. Está começando uma mudança em mim. Sinto-me mais agregada, mais líquida e começo a cair como as lágrimas do rio que busca a si mesmo, a sua essência.

O medo está se esvanecendo e consigo perceber que eu fui nuvem passageira, que viajou nos braços de um amigo carinhoso e hospitaleiro e, agora, estou voltando a ser um riacho. Encontro outros irmãos e, juntos e felizes, continuamos contornando obstáculos e formando um novo rio, a caminho do mar.

FOTOGRAFIA DA CAPA.





● FOTOGRAFIA DA CAPA



Da
Redação

RADICES BRASILIS DO ONTEM E DO HOJE

A foto da capa deste mês, e as de quebra de seção de artigos, é parte da exposição **Radices Brasiliis do ontem e do hoje**, uma exposição que homenageia as raízes de Brasília a partir de obras de artes digitais que mesclam imagens da vegetação do cerrado e de diferentes pisos em Brasília, junto às imagens das obras arquitetônicas mais visitadas na capital.

A exposição, que tem local surpresa e secreto, que só será anunciado aos convidados duas horas antes, acontecerá a partir do uso de lambe-lambes nas paredes e piso do “lugar secreto”. A exposição visa homenagem uma Brasília Contemporânea, de beleza única, e inspiração sem antecedentes.

Quando questionada sobre o local da exposição, a resposta foi de que “o segredo sobre a exposição vem da ideia em surpreender com uma exposição que capte a essência da cidade, que é única no Mundo.



“Brasília é uma das cidades de maior gestação do Mundo, se não a única, porque desde 1800 é uma ideia. Sendo assim, fazer algo inusitado e contemporâneo, também faz parte do processo de trazer mais diversão para a nossa belíssima capital!

Sobre o lugar secreto da exposição, não posso contar, ou vão perder o fator surpresa! Adianto apenas que traz mais um conceito para um debate antigo na nossa cidade!

Como arquitetura urbanista e artista plástica, penso que a arte precisa, as vezes, manter novos rumos e trazer bons debates.

Convido-os a ficarem atentos, porque o local da exposição só será divulgado duas horas antes do dia e hora propostos para a exposição!



**A COLETA DE
ÁUDIOS
CONTINUA**

**MEMÓRIAS E BRASÍLIA.
ISSO É BRASÍLIA**



COMO É A SUA BRASÍLIA?

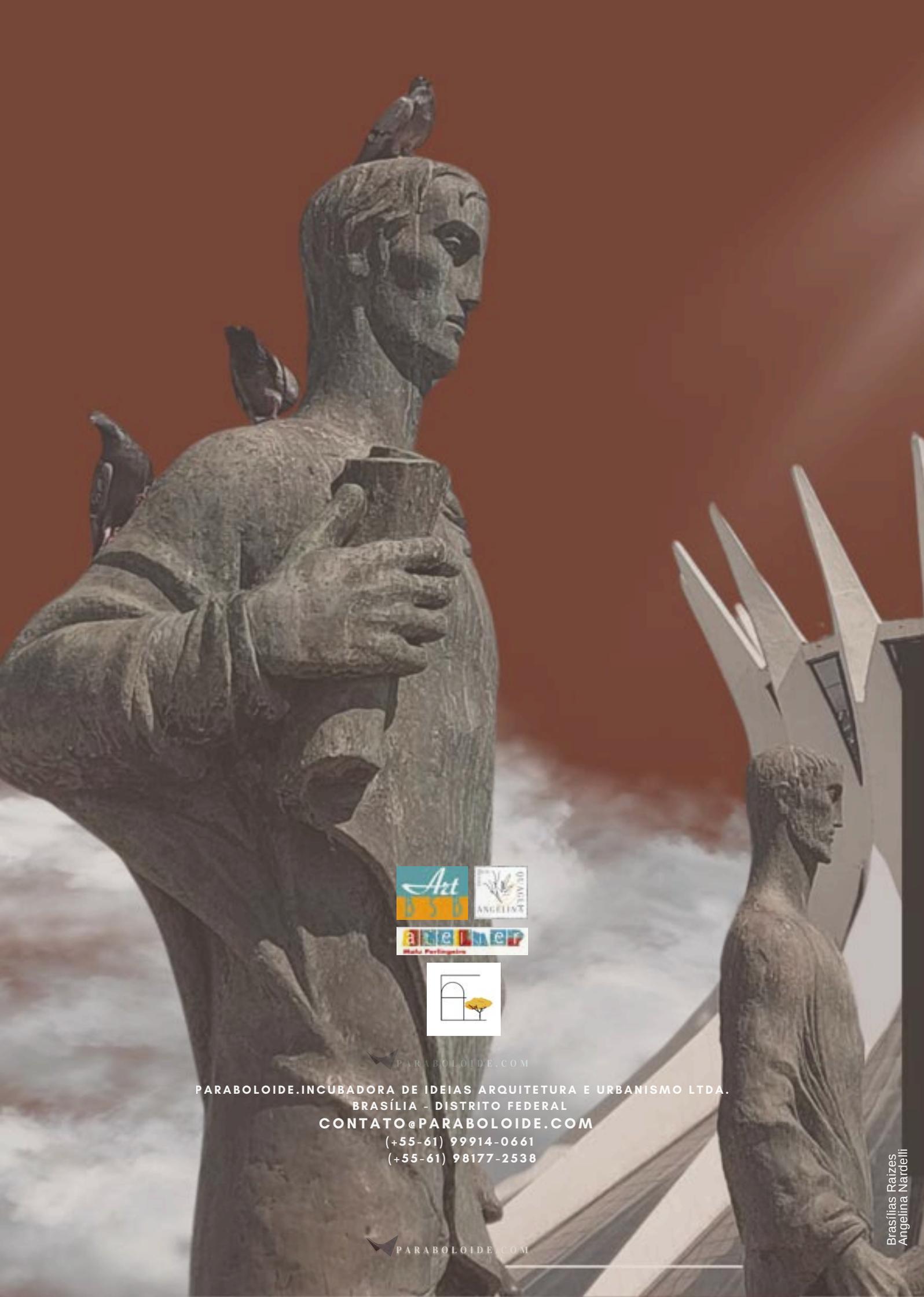
BRASÍLIA

**ENVIE SUA MELHOR MEMÓRIA SOBRE BRASÍLIA (PLANO PILOTO
E A GRANDE BRASÍLIA) NUM ÁUDIO COM SEU NOME PARA
(61) 98177-2538!**

**PORQUE SÃO AS MEMÓRIAS E O PERTENCIMENTO, QUE NOS
FAZEM PRESERVAR!R!**

SAIBA MAIS





PARABOLOIDE.COM

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538

PARABOLOIDE.COM

Brasília Raízes
Angelina Nardelli